

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RECORDAÇÕES EM JOGO:  
MEMÓRIAS *FLASHBULB* DA FINAL DO EURO 2016**

**Andreia Patrícia Almeida Ribeiro**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Área de Especialização em Cognição Social Aplicada**

**2019**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RECORDAÇÕES EM JOGO:  
MEMÓRIAS *FLASHBULB* DA FINAL DO EURO 2016**

**Andreia Patrícia Almeida Ribeiro**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Luísa Nunes Raposo**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Área de Especialização em Cognição Social Aplicada**

**2019**

## **Agradecimentos**

Um percurso de 5 anos que chegou ao fim, mas cujo conhecimento adquirido irá perdurar para sempre. Foi um caminho árduo, com muitas dúvidas, mas também muitas certezas. Um caminho onde tive o prazer de me cruzar com pessoas excepcionais que me fizeram crescer não só profissionalmente como pessoalmente. Tenho muito a agradecer a todas essas pessoas.

Em primeiro lugar quero agradecer à Professora Ana Luísa Raposo pela orientação dada e por toda a ajuda e disponibilidade que sempre encontrei. Pelo conhecimento que me transmitiu, pelas críticas construtivas e por todo o apoio na realização desta dissertação.

Gostaria também de agradecer a todos os professores com quem tive o privilégio de aprender neste meu percurso académico, especialmente aos professores do núcleo de Cognição Social Aplicada que nestes últimos dois anos me inundaram de conhecimento.

Ao Maurício pela companhia durante este percurso no mundo da cognição e por todos os trabalhos de grupo, tardes passadas a ler artigos e inquietações partilhadas.

Um especial agradecimento à Catarina, pela amizade que esta faculdade me presenteou desde o primeiro dia de aulas e que levarei sempre comigo.

Ao Nuno, por acreditares sempre em mim e nas minhas capacidades, pela paciência (bem grande), pelo apoio e por todo o carinho.

À Mafalda, Sara e Sofia por toda a confiança que sempre tiveram em mim, pela amizade, pelos bons momentos e por estarem sempre presentes mesmo quando eu estava a 2400 km de distância.

Às restantes pessoas e amigos que se cruzaram no meu percurso nestes últimos 5 anos e que cada um à sua maneira me ensinou algo diferente, obrigada também.

Por último, agradeço do fundo do coração à minha família. Aos meus avós por todo o amor que me dão, por cuidarem de mim e me perguntarem como vai a faculdade. À minha avó que infelizmente não está aqui para poder ver a entrega e defesa desta dissertação, mas que estará com certeza cheia de orgulho. Aos meus pais porque sem eles eu não seria a pessoa que sou hoje em dia e nada disto seria possível. E, por fim, à Sky que desde Novembro encheu a minha vida de uma outra alegria incomparável.

Obrigada a todos!

## Índice

Resumo .....	1
Abstract .....	2
Introdução .....	3
Memória Autobiográfica e Memória <i>Flashbulb</i> .....	4
Características da Memória <i>Flashbulb</i> : Vividez, Confiança e Consistência.....	7
Memória <i>Flashbulb</i> e Memória do Evento <i>Flashbulb</i> .....	10
Preditores <i>Flashbulb</i> : Surpresa, Interesse, Conhecimento, Importância, Emoção e	
Recapitulação .....	11
Preditores Demográficos: Idade e Gênero .....	16
Memória <i>Flashbulb</i> para Eventos Negativos e Eventos Positivos .....	18
Limitações da Investigação sobre Memória <i>Flashbulb</i> .....	20
O Presente Estudo .....	21
Método .....	23
Participantes.....	23
Procedimento .....	24
Materiais .....	25
Memória <i>flashbulb</i> : detalhe, confiança e vividez. ....	25
Memória para o evento: precisão e confiança.....	26
Memória para os sub-eventos positivo e negativo: precisão. ....	26
Fatores preditores da memória <i>flashbulb</i> e da memória do evento. ....	27
Análise Estatística.....	29
Resultados .....	30
Análise Descritiva.....	30
Regressão Hierárquica .....	32

Memória <i>flashbulb</i> .....	33
Memória do evento.....	35
Memória dos sub-eventos positivo e negativo.....	37
Discussão .....	42
Limitações do Presente Estudo e Questões em Aberto.....	48
Proposta de Estudos Futuros.....	50
Estudo 1: Consistência das memórias <i>flashbulb</i> ao longo do tempo.....	51
Estudo 2: Memória coletiva para eventos <i>flashbulb</i> .....	52
Conclusão.....	53
Referências Bibliográficas.....	55
Anexos .....	66
Anexo A – Questionário aplicado aos participantes .....	67

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Análise Descritiva das Variáveis Predictoras .....	31
Tabela 2: Análise Descritiva do Desempenho de Memória.....	32
Tabela 3: Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória <i>Flashbulb</i> .....	34
Tabela 4: Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória para o Evento .....	36
Tabela 5: Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória para o Sub-Evento Positivo .....	39
Tabela 6: Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória para o Sub-Evento Negativo .....	41

## Resumo

O presente estudo examinou a memória dos cidadãos portugueses para a vitória de Portugal no campeonato europeu de 2016, dois anos após a ocorrência deste evento. Analisaram-se os determinantes da memória das pessoas para as circunstâncias em que souberam do evento (memória *flashbulb*) assim como a memória para os factos do evento (memória do evento). Os resultados ( $N=222$ ) mostraram que a memória *flashbulb* e a memória do evento podem ser diferenciadas e possuem determinantes distintos. A memória *flashbulb* foi afetada pela idade, recapitulação e intensidade emocional. Especificamente, participantes mais jovens, assim como participantes que recapitularam com mais frequência a vitória da seleção portuguesa e que reportam níveis mais elevados de emoção conseguiram recordar-se de um maior número de detalhes das circunstâncias em que souberam do evento. Relativamente à memória do evento, os resultados indicaram que a idade e o conhecimento foram preditores significativos. Participantes mais jovens e que detêm maior conhecimento geral sobre futebol evocaram com maior precisão informação específica sobre o jogo. O estudo comparou ainda um sub-evento elicitador de emoções positivas (o golo de Éder) e um sub-evento elicitador de emoções negativas (a lesão de Cristiano Ronaldo). Enquanto a recapitulação previu a precisão da memória para o sub-evento positivo, a importância atribuída ao jogo explicou a variação na memória para o sub-evento negativo. Os resultados têm importantes implicações para o debate relativo aos determinantes da memória *flashbulb* e da memória do evento, permitindo esclarecer incongruências nos estudos anteriores e perceber a influência da valência na memória *flashbulb*.

*Palavras-chave:* memória *flashbulb*, memória do evento, preditores *flashbulb*, campeonato europeu de futebol de 2016



## **Abstract**

The present study examined the memory of Portuguese citizens for Portugal's victory in the 2016 UEFA European Championship. The determinants of people's memory for the circumstances in which they learned about the event (flashbulb memory) as well as the memory for the facts of the event (event memory) were analyzed. The results ( $N=222$ ) showed that flashbulb memory and event memory can be differentiated and have distinct determinants. Flashbulb memory was affected by age, rehearsal and emotional intensity. Specifically, younger participants, who rehearsed the team's victory more often and who report higher levels of recalled a greater number of details of the circumstances in which they learned the event. Regarding the event's memory, the results indicated that participant's age and knowledge were significant predictors. Younger participants and those who have more extensive general knowledge about football were more accurate in retrieving specific details about the match. The study also compared a positive sub-event (Éder's goal) and a negative sub-event (Cristiano Ronaldo's injury). While rehearsal predicted memory accuracy for the positive sub-event, the importance attributed to the game explained the variation in memory accuracy for the negative sub-event. These findings have important implications for the debate concerning the determinants of flashbulb memory and event memory, allowing to clarify the shortcomings of previous studies and to understand the influence of the event's valence in flashbulb memory.

*Key-words:* flashbulb memory, event memory, flashbulb predictors, 2016 UEFA European Championship

## Introdução

Em 2016, a seleção portuguesa foi campeã europeia de futebol pela primeira vez. A equipa passou por dificuldades durante toda a competição, empatando vários jogos e resolvendo a maior parte deles em prolongamento e penaltis. Poucos acreditavam que a seleção portuguesa chegasse à final e ainda menos que ganhasse frente à seleção francesa, a anfitriã do campeonato europeu de 2016.

O jogo da final realizou-se no dia 10 de julho. Logo no início do jogo, Portugal sofreu um duro revés com a lesão do capitão Cristiano Ronaldo, considerado um dos melhores jogadores de mundo. Cristiano Ronaldo saiu do campo por duas vezes, tentou manter-se em jogo durante algum tempo, mas acabou por sair definitivamente aos 25 minutos no meio de lágrimas e de aplausos dos adeptos. Depois deste momento, os portugueses sentiram que a vitória estava mais longe de ser alcançada. Com o empate a zero a subsistir aos 90 minutos, o jogo seguiu para prolongamento. Só aos 109 minutos, o ponta de lança Éder, ao rematar à baliza de fora da área, deu a vitória à seleção lusa. A festa nas bancadas, nas ruas e nas casas dos portugueses foi tremenda. Portugal ganhou assim o seu primeiro título europeu. Este evento, revestido de emoções e surpresa para a maior parte das pessoas, teve grande impacto para muitos portugueses, dada a importância que esta modalidade desportiva tem no país. A bandeira nacional, as cores e o hino do país foram vistos e ouvidos frequentemente nos dias que se seguiram, confirmando o sentido de identidade social que este acontecimento teve.

Dois anos após o jogo da final, que memórias guardam os portugueses desse evento? O presente estudo teve como finalidade examinar as memórias *flashbulb* e as memórias do evento associadas à vitória da seleção portuguesa de futebol no campeonato europeu de 2016, investigando que fatores determinam estas memórias e comparando diretamente as memórias

para um sub-evento negativo (a lesão de Cristiano Ronaldo) e um sub-evento positivo (o gol de Éder).

### **Memória Autobiográfica e Memória *Flashbulb***

As memórias autobiográficas correspondem às recordações que uma pessoa possui das suas experiências de vida (Robinson, 1986), constituindo uma fonte de informação sobre o seu passado, incluindo eventos decorridos num contexto spatiotemporal específico (e.g., passei as últimas férias do verão na praia do Guincho) e conhecimento factual sobre si próprio (e.g., tenho dois gatos; Conway, 1996; Rubin, 1986). Os estudos sobre memória autobiográfica têm assim abordado quer os processos através dos quais as pessoas se recordam de eventos experienciados anteriormente nas suas vidas, quer o conhecimento e esquemas que formam o “eu” (*self*; Conway, 1996).

Tipicamente, as memórias autobiográficas são vívidas, ricas em detalhes sensoriais e com elevado conteúdo emocional (Brown & Kulik 1977; Gandolphe & El Haj, 2016; Rubin & Kozin, 1984). Devem ser entendidas como interpretações pessoais dos eventos sendo moduladas pelos objetivos, planos e preocupações do *self* (Conway, 1996). Não são, portanto, descrições literais e verídicas do evento, mas sim reconstruções incompletas (Conway, 1996; Tulving, 1972). Como tal, pode haver erros na recuperação de eventos passados, erros esses que, por vezes, podem ser explicados pela influência do *self* e da história de vida que cada um constrói sobre si próprio (Conway, 1996).

A memória *flashbulb* é um tipo específico de memória autobiográfica. Refere-se à memória pessoal para acontecimentos públicos marcantes, nomeadamente as circunstâncias nas quais a pessoa soube de determinado evento (Brown & Kulik, 1977; Hirst & Phelps, 2016). Estas memórias têm sido diferenciadas de outros tipos de memórias autobiográficas, uma vez que assentam em elementos como a importância e a consequencialidade do evento público para

o próprio e para a comunidade, assim como num elevado grau de emoção e surpresa associados ao evento (Brown & Kulik, 1977; Conway et al., 1994).

No estudo pioneiro sobre esta temática, Brown e Kulik (1977) analisaram as memórias *flashbulb* para o assassinato do Presidente John Kennedy ocorrido 14 anos antes. Verificaram que os participantes recordavam, frequentemente, um conjunto de elementos específicos sobre o momento em que souberam do evento, i.e., o contexto de receção. Postularam que as memórias *flashbulb* incluem informação sobre seis características canónicas: o local onde as pessoas estavam quando souberam do evento, a forma como souberam do evento (e.g., por quem souberam), o que sentiram, como reagiram os outros à sua volta, o que fizeram a seguir ao evento e o que estavam a fazer quando souberam do evento. Além destas características canónicas, alguns estudos mostraram que os participantes são também capazes de recuperar detalhes mais triviais sobre o momento em que souberam do evento (e.g., cor da camisola que tinham vestida; Kızılöz & Tekcan, 2013; Tinti Schmidt, Testa & Levine, 2013). Estes detalhes triviais são denominados de informação idiossincrática. Este nível de detalhe não é usual noutro tipo de memórias, sendo informação que normalmente é esquecida rapidamente (Larsen, 1992). Dada a vividez e durabilidade destas memórias, Brown e Kulik descreveram as memórias *flashbulb* como uma fotografia que as pessoas tiram a si próprias quando vivem um evento público e emocional: “*It is very like a photograph that indiscriminately preserves the scene in which each of us found himself when the flashbulb was fired*” (Brown & Kulik, 1977, p. 74).

Desde então, diversos estudos têm confirmado que as pessoas são capazes de recordar múltiplos detalhes relativos ao contexto de receção de eventos públicos marcantes (e.g., Bohannon, 1988; Conway et al., 1994; Kızılöz & Tekcan, 2013; Tinti et al., 2013). Nomeadamente, tem sido extensamente estudada a memória *flashbulb* para ataques terroristas, como os ataques do 11 de setembro de 2001 (e.g., Budson et al., 2007; Conway, Skitka, Hemmerich & Kershaw, 2008; Curci & Luminet, 2006; Davidson, Cook & Glisky, 2006;

Greenberg, 2004; Hirst et al., 2009; Hirst et al., 2015; Kvavilashvili, Mirani, Schalagman, Foley & Kornbrot, 2009; Luminet & Curci, 2008; Luminet et al., 2004; Paradis, Florer, Solomon & Thompson, 2004; Pezdek, 2003; Qin et al., 2003; Schimdt, 2004; Shapiro, 2006; Sharot, Martorella, Delgado & Phelps, 2007; Smith, Bibi & Sheard, 2003; Talarico & Rubin, 2003; Tekcan, Ece, Gülgöz & Er, 2003; Weaver & Krug, 2004) e, mais recentemente, os ataques de Paris em novembro de 2015 (e.g., El Haj, Gandolphe, Wawrziczny & Antoine, 2016; Gandolphe & El Haj, 2017) e o ataque ao jornal satírico Charlie Hebdo (Gandolphe & El Haj, 2016). A morte de personalidades, como a do Presidente John Kennedy (Brown & Kulik, 1977), do rei belga Baudouin (Finkenauer et al., 1998), do presidente francês François Mitterrand (Curci, Luminet, Finkenauer & Gisle, 2001), da Princesa Diana (e.g., Hornstein, Brown & Mulligan, 2003; Kvavilashvili, Mirani, Schlagman & Kornbrot, 2003), do Papa João Paulo II (Tinti, Schmidt, Sotgiu, Testa & Curci, 2009) e do cantor Michael Jackson (Day & Ross, 2014) foram também alvo de estudo. Foram também investigados outros acontecimentos importantes como a tentativa de assassinato do Presidente Reagan dos EUA (Pillemer, 1984), o assassinato do primeiro-ministro sueco Olof Palme (Christianson, 1989), a explosão do *Space Shuttle Challenger* da NASA (e.g., Bohannon & Symons, 1992; Neisser & Harsch, 1992), a tragédia de Hillsborough no estádio de Sheffield em Inglaterra (Wright, 1993), a renúncia de Margaret Thatcher como primeira ministra britânica (e.g., Conway et al., 1994; Wright, Gaskell & O'Muircheartaigh, 1998), o início da operação *Desert Storm* (Guerra do Golfo; Tekcan, 2001), o veredito do caso de O. J. Simpson (Schmolck, Buffalo & Squire, 2000), o terremoto de Marmara na Turquia em 1999 (Er, 2003), a eleição de Barack Obama (Koppel, Brown, Stone, Coman & Hirst, 2013) e a abdicação do Papa Bento XVI (Curci, Lanciano, Maddalena, Mastandrea & Sartori, 2015). Ainda que em menor número, alguns estudos têm incidido sobre as memórias *flashbulb* relativas a eventos positivos como a retirada da Alemanha da Dinamarca no final da segunda guerra mundial (Berntsen & Thomsen, 2005), a queda do muro de Berlim

(Bohn & Berntsen, 2007), a chegada do homem à lua (Winograd & Killinger, 1983) ou a vitória da seleção italiana no campeonato do mundo em 2006 (Tinti et al., 2013).

### **Características da Memória *Flashbulb*: Vividez, Confiança e Consistência**

Os diferentes estudos realizados sobre memórias *flashbulb* apontam para um conjunto de características definidoras deste tipo de memória, nomeadamente a elevada vividez e a elevada confiança que as pessoas têm na precisão da sua recordação sobre o contexto em que receberam a notícia (e.g., Brown & Kulik, 1977; Day & Ross, 2014; Hirst et al., 2015; Talarico & Rubin, 2003).

No que se refere à vividez, as memórias *flashbulb* caracterizam-se pela elevada quantidade de detalhes perceptivos e sensoriais reportados (Bohannon, 1988; Niedzwienska, 2003a, 2003b; Rubin & Kozin, 1984; Talarico, LaBar & Rubin, 2004; Thomsen & Bertsen, 2003). No estudo de Gandolphe e El-Haj (2017) foi pedido aos participantes para recordarem as circunstâncias em que souberam dos ataques de Paris em novembro de 2015. Estes classificaram as suas memórias como estando associadas a um elevado grau de imagens visuais, de reações fisiológicas e de viagem mental (i.e., a pessoa sente que viajou mentalmente até ao momento em que soube do evento, recordando-se desse momento como estando lá), as três características comumente associadas à vividez (Gandolphe & El-Haj, 2017; Talarico et al., 2004). Deste modo, a vividez é considerada como parte integrante de uma memória *flashbulb*. Contudo, não é claro se as memórias *flashbulb* são mais vívidas do que outras memórias relevantes do dia-a-dia, com alguns estudos a demonstrar que memórias autobiográficas do dia-a-dia podem ser tão vívidas como as memórias *flashbulb*. Por exemplo, um estudo realizado por Talarico e colaboradores (2004) analisou as memórias autobiográficas geradas pelos participantes para eventos emocionais que variavam em valência (positiva, negativa) e intensidade (alta, baixa). Os participantes tinham de fazer uma descrição da

memória do evento e responder a diversas questões sobre as propriedades da memória, incluindo aspetos perceptivos e sensoriais (i.e., vividez da memória). Os participantes classificaram as suas memórias para os eventos autobiográficos descritos como muito vívidas, o que demonstra que esta propriedade não é exclusiva das memórias *flashbulb* (Rubin & Kozin, 1984).

Para além da vividez, as memórias *flashbulb* são caracterizadas pela elevada confiança (i.e., precisão percebida) comparativamente a outros tipos de memória (e.g., Brown & Kulik, 1977; Paradis et al., 2004; Talarico & Rubin, 2003; Weaver, 1993). De salientar que a elevada confiança nas memórias *flashbulb* ocorre, mesmo quando o evento não aconteceu do modo como as pessoas o recordam (Neisser & Harsch, 1992; Talarico et al., 2004). Num estudo longitudinal, Neisser e Harsch (1992) analisaram a memória dos indivíduos para o contexto de receção da notícia sobre a explosão do *Space Shuttle Challenger* da NASA. Aplicaram um questionário 24 horas após o evento e outro passados aproximadamente 2 anos e 6 meses. Cerca de 40% dos participantes reportaram informação inconsistente nas duas ocasiões, o que revela a falta de precisão das memórias *flashbulb*. Todavia, apesar da inconsistência das suas memórias, os participantes demonstraram elevada confiança sobre a precisão das mesmas. Existe, assim, uma discrepância entre a percepção metacognitiva e a realidade objetiva (Talarico & Rubin, 2009). Neisser e Harsch (1992) consideram que esta sobreconfiança das pessoas sobre as suas memórias pode ser devida à elevada vividez das memórias *flashbulb*. De notar que a precisão é uma medida difícil de verificar no caso das memórias *flashbulb* pois o investigador não tem acesso ao momento da codificação das memórias, não podendo saber como é que o evento pessoal decorreu. Um estudo de Greenberg (2004) examinou a informação disponível em entrevistas a George W. Bush em que este reporta as suas recordações para os ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001. O estudo verificou que a memória do presidente incluía um erro importante: dizia ter visto o primeiro avião a embater na primeira torre do *World*

*Trade Center* quando soube do evento pela primeira vez. “*And I was sitting outside the classroom waiting to go in, and I saw an airplane hit the tower—the TV was obviously on, and I use[d] to fly myself, and I said, ‘There’s one terrible pilot.’*” (Greenberg, 2004, p.1). A imagem referente a este embate só foi divulgada algum tempo após os ataques. Por isso, é impossível o presidente ter visto esse detalhe no momento em que soube dos ataques. Além disso, nas várias entrevistas que deu sobre como tinha sabido dos ataques, revelou algumas outras inconsistências. No seu conjunto, estes dados mostram que a memória *flashbulb* pode apresentar erros e distorções, apesar da elevada confiança sobre a precisão da recordação. De acordo com Talarico e Rubin (2003), uma questão central prende-se com perceber como é que as pessoas reportam níveis tão elevados de confiança nas suas memórias durante tanto tempo, mesmo quando estas não são mais precisas que outro tipo de memórias.

De facto, estudos longitudinais têm demonstrado que há um declínio na consistência dos detalhes evocados ao longo do tempo, declínio esse semelhante nas memórias *flashbulb* e noutras memórias autobiográficas (e.g., Christianson, 1989). Mais ainda, as inconsistências na memória mantêm-se estáveis após o primeiro ano do evento (Hirst et al., 2015). Por exemplo, em dois estudos sobre os ataques terroristas do 11 de setembro de 2001 (Hirst et al., 2009; Hirst et al., 2015) foram aplicados questionários em quatro momentos diferentes (i.e., uma semana, 11 meses, 25 meses e 119 meses após o evento) com o objetivo de analisar a consistência das memórias ao longo do tempo. Hirst e colaboradores (2009, 2015) verificaram que o esquecimento foi rápido no primeiro ano após o evento, tendo verificado também um declínio na consistência dos detalhes reportados no período de 3 anos. No entanto, as inconsistências mantiveram-se estáveis, ou seja, as memórias *flashbulb* inconsistentes observadas no questionário 1 foram repetidas nos restantes questionários. No primeiro estudo, os investigadores tinham já verificado que a taxa de esquecimento das memórias *flashbulb* abrandou significativamente entre o primeiro ano e o terceiro ano após o evento (Hirst et al.,



2009). Esta evidência vai ao encontro dos resultados obtidos por Talarico e Rubin (2003) que mostraram que a taxa de esquecimento é semelhante nas memórias *flashbulb* e nas restantes memórias autobiográficas.

Apesar das inconsistências, as memórias *flashbulb* para um evento distante podem ser tão detalhadas, específicas e vívidas como as memórias para um evento mais recente (Kvavilashvili et al., 2003). Este aspeto demonstra que memórias para eventos públicos marcantes e surpreendentes conseguem ser preservadas durante muito tempo, apesar de estarem sujeitas a erros, inconsistências e enviesamentos, tal como outras memórias.

### **Memória *Flashbulb* e Memória do Evento *Flashbulb***

Enquanto a memória *flashbulb* corresponde à experiência autobiográfica dos participantes no momento em que souberam do evento (Pezdek, 2003), a memória do evento *flashbulb* refere-se à memória para os factos do evento público (Tinti et al., 2013). Segundo Pezdek (2003), os detalhes do evento e da experiência autobiográfica desse evento são percebidos e processados separadamente, resultando em memórias independentes.

A primeira distinção que se pode fazer diz respeito aos conteúdos dos dois tipos de memória (Tinti et al., 2013). Enquanto a memória *flashbulb* apresenta uma perspetiva na primeira pessoa (e.g., onde estava quando soube dos ataques terroristas do 11 de setembro), a memória do evento consiste em informação factual sobre o acontecimento (e.g., quantos aviões estiveram envolvidos nos ataques do 11 de setembro). Ou seja, a memória *flashbulb* pode variar de pessoa para a pessoa, mas a memória do evento, se corretamente codificada e armazenada, é idêntica para diferentes pessoas. Outra diferença prende-se com o modo de recapitulação. No caso da memória *flashbulb*, a recapitulação decorre da conversa com outros com quem o momento foi partilhado. Por exemplo, através da conversa com os outros, a pessoa pode clarificar determinados aspetos do contexto de receção, nomeadamente com quem estava, o

que fizeram a seguir, etc. Já a recapitulação dos factos do evento ocorre não só através de conversas com outros, como também através da exposição à informação disponibilizada pelos *media*. A informação fornecida pelos *media* (televisão, rádio, redes sociais, etc.) tem sido considerada como uma importante fonte de correção das memórias do evento (mas não das memórias *flashbulb*). Por exemplo, a memória das pessoas para a localização do Presidente George W. Bush na altura dos ataques do 11 de setembro melhorou após 3 anos do evento. Esta melhoria pode ter sido devida ao lançamento do filme Fahrenheit 9/11 de Michael Moore que mostrava o presidente sentado numa sala de aula numa escola na Flórida. Esta exposição à informação parece ter clarificado a memória das pessoas para o evento (Hirst et al., 2009). Apesar de processos cognitivos distintos, tanto a memória *flashbulb* como a memória do evento sofrem do que parece ser um traço geral das memórias episódicas: ambas declinam ao longo do tempo (Bohannon & Symons, 1992; Hirst et al., 2015).

### **Preditores *Flashbulb*: Surpresa, Interesse, Conhecimento, Importância, Emoção e Recapitulação**

Vários estudos têm procurado explorar quais os preditores chave que determinam a durabilidade, vividez e confiança nas memórias *flashbulb*, por um lado, e a precisão das memórias do evento, por outro. Entre esses fatores, incluem-se a surpresa, o interesse, o conhecimento, a importância, a emoção e a recapitulação.

O grau de surpresa reflete uma reação pessoal e emocional a um evento e não uma propriedade do evento em si (Talarico & Rubin, 2009). Existem conclusões contraditórias quanto ao papel da surpresa na formação e manutenção da memória *flashbulb*. De acordo com Brown e Kulik (1977), para que um evento seja capaz de elicitar uma memória *flashbulb* este deverá ser surpreendente para os participantes. Na mesma linha, outras evidências apontam para o papel da surpresa na consistência das memórias (Day & Ross, 2014) e na recordação

das circunstâncias pessoais do evento *flashbulb*, sendo que, quanto mais surpreendente for um evento mais detalhes são evocados e maior a consistência da informação reportada (Christianson, 1989). No entanto, outros estudos postulam que, ainda que os participantes reportem sentirem-se muito surpreendidos, nada indica que haja um limiar de surpresa que tenha de ser atingido para haver a formação de uma memória *flashbulb* ou que haja uma associação entre a surpresa e a formação da memória *flashbulb* (Gandolphe & El-Haj, 2017). Tinti e colaboradores (2013) ao analisarem os determinantes da memória *flashbulb* e da memória do evento *flashbulb* relativos à vitória da seleção italiana no campeonato do mundo de futebol de 2006 não encontraram um efeito significativo da surpresa na memória *flashbulb*. Efetivamente, existem evidências da formação de memórias *flashbulb* para eventos expectáveis e que não geram surpresa (ou geram muito pouca), como o caso da morte do Presidente Mitterrand (e.g., Curci & Luminet, 2009; Curci et al., 2001), a morte do papa João Paulo II (e.g., Lanciano, Curci & Soleti, 2013) ou a chegada do homem à lua (Winograd & Killinger, 1983). Nestes casos, as memórias *flashbulb* são afetadas pelo impacto emocional e pela recapitulação subsequente, não havendo um papel da surpresa (Curci & Luminet, 2009). Ainda assim, Day e Ross (2014) argumentam que este tipo de eventos pode mesmo assim potenciar um certo nível de surpresa, o qual varia entre indivíduos e em função do laço social (i.e., sentimento de ligação com a figura do evento; Day & Ross, 2014).

O interesse é um dos preditores mais estudados na investigação em memória *flashbulb*. De acordo com Pezdek (2003) e Tinti e colaboradores (2009), para um evento público desencadear uma memória *flashbulb*, este tem de captar o interesse da pessoa, porque diz respeito às suas preocupações e gostos. Se o evento que desencadeou a memória *flashbulb* for a morte de um cantor, o interesse pode ser medido, por exemplo, pelo número de vezes que a pessoa foi a concertos desse cantor ou pelo número de discos que possui. Na maior parte das vezes, porém, o interesse é medido através do julgamento subjetivo sobre a relação afetiva com

o evento. De acordo com Tinti e colaboradores (2013), quanto maior o interesse num evento, maior é a importância dada ao mesmo, o que, por sua vez, conduz a um nível mais elevado de intensidade emocional, levando a pessoa a recapitular frequentemente o contexto de receção da notícia do evento *flashbulb*. A recapitulação, por sua vez, influencia diretamente a memória *flashbulb* (Tinti et al., 2013). Vários estudos têm confirmado diferenças na memória *flashbulb* quando as pessoas apresentam diferentes graus de interesse (Conway et al., 1994; Curci et al., 2001). Um maior interesse promove também a memória do evento *flashbulb* (Tinti et al., 2013). Este preditor influencia diretamente o conhecimento sobre o evento e promove uma memória mais detalhada e precisa para os factos do evento (Tinti et al., 2013).

Apesar de existir na literatura alguma sobreposição entre o interesse e o conhecimento sobre o evento, estes são conceitos distintos. O conhecimento refere-se à informação que um indivíduo detém sobre determinado domínio, ou seja, voltando ao exemplo anterior, o que a pessoa sabe sobre o cantor e a sua música. Segundo Tinti e colaboradores (2013), o conhecimento não influencia a memória *flashbulb*. Contudo, promove a assimilação e a organização da informação sobre o evento, o que origina uma maior precisão e detalhe da memória para os factos do evento (Tinti et al., 2013).

Outro preditor estudado na literatura é a importância ou consequentialidade. Um evento é importante quando é relevante e significativo para a vida pessoal do indivíduo, para a sua nação, grupo ou comunidade, trazendo consequências para si e para outros, i.e., como a minha vida e a das outras pessoas seria diferente se esse evento não tivesse ocorrido (Day & Ross, 2014). Este determinante foi inicialmente analisado por Brown e Kulik (1977) que o consideraram como imprescindível para se formar uma memória *flashbulb*. Posteriormente, vários estudos confirmaram o papel da importância/consequentialidade na formação de uma memória *flashbulb* (e.g., Conway et al., 1994; Tinti et al., 2009; Tinti et al., 2013). A importância do evento determina o grau de emoção e a quantidade de recapitulação, ou seja,

quanto mais importante for o evento, mais forte é a reação emocional que, por sua vez, leva a uma maior recapitulação das circunstâncias em que se soube do evento (Conway et al., 1994; Er, 2003; Finkenauer et al., 1998; Tinti et al., 2009; Tinti et al., 2013). Assim, a importância promove a codificação e consolidação da memória (Conway et al., 1994; Finkenauer et al., 1998). Além disso, existem também evidências de que quanto maior for a importância/consequencialidade atribuída a um evento mais vívida e duradoura é a memória *flashbulb* (Tinti et al., 2009). A importância desempenha também um papel na memória do evento. Considerar um evento importante aumenta a procura de informação sobre o evento nos *media* que, por conseguinte, melhora a memória do evento (Tinti et al., 2013). Num estudo sobre a memória *flashbulb* para a morte do presidente Mitterrand (Curci & Luminet, 2006), os participantes (franceses e belgas) tinham de classificar numa escala o quão importante o evento tinha sido para as suas vidas e as consequências para as mesmas. Os participantes franceses classificaram o evento como mais importante comparativamente aos participantes belgas, tendo respondido a um maior número de questões sobre o contexto de receção da notícia e apresentado uma maior precisão para a memória do evento.

Outro preditor que tem sido amplamente estudado é a reação emocional. A investigação tem incidido sobre a intensidade emocional e a valência das emoções (Gandolphe & El-Haj, 2017; Tinti et al., 2013), mas também sobre as emoções viscerais sentidas aquando da receção da notícia sobre o evento, nomeadamente sentir o coração a acelerar, sentir-se tenso, suar e sentir borboletas no estômago (Talarico & Rubin, 2003). A intensidade emocional influencia as memórias *flashbulb*, sendo que pessoas que reportam níveis mais baixos de intensidade emocional relativamente ao evento público apresentam menor precisão e menor confiança nas memórias *flashbulb* reportadas (Brown & Kulik, 1977; Hornstein et al., 2003; Pillemer, 1984). Porém, a influência das emoções nas memórias *flashbulb* não é linear. A intensidade emocional parece afetar também os detalhes recuperados, sendo que indivíduos que reportam uma elevada

intensidade emocional apresentam uma pior capacidade de recordar detalhes periféricos (e.g., cor da roupa que tinha vestida quando soube do evento; Smith et al., 2003). Relativamente à memória do evento, os estudos mostram que a intensidade emocional está relacionada positivamente com a precisão desta memória (Bohannon, 1988; Smith et al., 2003). Num estudo onde se analisaram as memórias *flashbulb* e a memória do evento para a vitória de Itália no campeonato do mundo de 2006 (Tinti et al., 2013), os participantes tinham de classificar a intensidade emocional no momento em que souberam do evento e a intensidade com que tinham sentido diversas emoções específicas (e.g., raiva, tristeza, alegria, nojo etc.). Este estudo revelou que a intensidade emocional é um preditor da recapitulação que, por sua vez, apresenta uma relação positiva com a memória *flashbulb* e com o grau de confiança reportado (Day & Ross, 2014; Tinti et al. 2013). Anteriormente, já outros trabalhos tinham mostrado que a intensidade emocional predizia a memória autobiográfica (Talarico et al., 2004). Assim, eventos muito intensos tendem a ser lembrados durante mais tempo e com maior vividez. Relativamente às emoções viscerais, estas também parecem estar positivamente associadas à confiança na memória *flashbulb* (Talarico & Rubin, 2003). Ainda assim, Day e Ross (2014), verificaram que as pessoas não são muito boas a recordar as suas respostas viscerais e que certos eventos não produzem respostas corporais. Quanto à memória do evento, as emoções não parecem afetar este tipo de memória (Tinti et al., 2013). Hirst e colaboradores (2009, 2015) não encontraram qualquer correlação entre a precisão da memória do evento e a intensidade emocional. No entanto, um estudo realizado sobre a memória das pessoas para dois eventos muito distintos - a eleição do presidente Barack Obama e a inauguração do voo 1549 da *US Airways* - verificou que a intensidade emocional levou a uma maior precisão da memória dos eventos (Koppel et al., 2013). Relativamente à valência positiva ou negativa de um evento, os estudos têm demonstrado que pode afetar a memória do evento, nomeadamente a sua precisão

e consistência (e.g., Kensinger, 2009; Kensinger & Schacter, 2006). Especificamente, a memória do evento melhora para emoções positivas (Talarico & Moore, 2012).

Finalmente, a recapitulação inclui reviver mentalmente o evento, envolver-se em conversas com outras pessoas sobre a sua experiência e procurar informações ou ser exposto aos *media* (e.g., reportagens de jornalistas sobre o evento; Gandolphe & El-Haj, 2017; Tinti et al., 2013). A recapitulação é um dos fatores que tem sido apontado como capaz de modificar o conteúdo das memórias sobre o evento e de corrigir incongruências que possam existir. De acordo com Tinti e colaboradores (2013), a recapitulação, sob a forma de pensamento e de conversas, afeta diretamente a memória *flashbulb*, sendo que a exposição aos *media* é menos importante neste tipo de memória. Em contraste, Pillemer (2003) considera que a exposição aos *media* sobre um evento público facilita a formação de uma memória *flashbulb* na medida em que aumenta a consciência sobre potenciais consequências sociais, económicas e políticas na vida dos indivíduos. Outro estudo mostrou que se a recapitulação ocorrer através de conversas com outros sobre o evento, há um aumento da memória *flashbulb* (Hornstein et al., 2003). No entanto, apenas pensar sobre o evento, não parece ter qualquer efeito na memória *flashbulb*. Já a memória do evento é afetada positivamente pela exposição aos *media* e pela frequência com que os indivíduos pensaram e falaram sobre as circunstâncias em que souberam do evento (Hirst et al., 2009; Shapiro, 2006; Tinti et al., 2013).

### **Preditores Demográficos: Idade e Género**

O papel da idade dos participantes na memória *flashbulb* e na memória do evento tem-se revestido de particular interesse, dado alguns resultados contraditórios na literatura (e.g., Cohen, Conway & Mayor, 1994; Tekcan & Peynircioğlu, 2002). Berntsen e Thomsen (2005) testaram a memória *flashbulb* e a memória do evento de participantes dinamarqueses para a ocupação e libertação da Dinamarca na 2ª guerra mundial, assim como outros eventos

negativos e positivos da guerra. Quase todos os participantes, com idades entre os 72 e os 89 anos, reportaram memórias da ocupação e da libertação. Quando comparados com um grupo de controlo, com idades entre os 20 e os 60 anos, os participantes mais velhos (que tinham vivido os acontecimentos) responderam corretamente a um maior número de questões factuais sobre a guerra. Os autores defendem que a elevada precisão da memória do evento demonstra que, para certos acontecimentos, as memórias episódicas e autobiográficas mantêm-se elevadas, mesmo em grupos etários mais velhos. Pelo contrário, num estudo que analisou as memórias para a renúncia de Margaret Thatcher ao cargo de primeira ministra do Reino Unido, observou-se um declínio da memória sobre o contexto em que as pessoas souberam do evento em função da idade (Cohen et al., 1994). Os autores sugerem que a diminuição das memórias *flashbulb* ao longo da idade relaciona-se com défices na memória da fonte e na memória de contexto. Ainda noutro estudo, Davidson e Glisky (2002) pediram aos participantes para recordar o contexto em que souberam da morte da Princesa Diana e da Madre Teresa de Calcutá. Tanto o grupo de participantes mais velhos (i.e., com mais de 65 anos) como o grupo mais jovem (i.e., com idades compreendidas entre os 18 e os 32 anos) recordaram-se de onde, quando e por quem souberam desses eventos, não se registando diferenças na memória *flashbulb* em função da idade. Mantém-se assim em aberto a questão da influência da idade dos participantes na memória *flashbulb* e na memória do evento.

Relativamente ao género dos participantes, a investigação tem sugerido que os homens e as mulheres recordam episódios distintos e apresentam formas diferentes de os representar e descrever (Niedzwienska, 2003a). Verificou-se que as mulheres evocam mais informação sobre os aspetos emocionais dos eventos e que os classificam em níveis mais elevados de intensidade emocional, o que pode influenciar os julgamentos de importância e de recapitulação (Niedzwienska, 2003a). Num estudo sobre o desastre de Hillsborough (uma tragédia ocorrida no estádio de futebol de Hillsborough, em Sheffield, em que morreram 96



adeptos do Liverpool e outros 766 ficaram feridos), verificou-se que os homens reportaram menor intensidade emocional e atribuíram menor importância ao evento do que as mulheres (Wright et al., 1998). Ainda assim, apresentaram memórias mais claras e detalhadas do evento.

### **Memória *Flashbulb* para Eventos Negativos e Eventos Positivos**

A maior parte dos estudos sobre memória *flashbulb* e seus preditores tem-se centrado em eventos de valência negativa. Porém, um evento não tem de ser negativo para haver a formação de uma memória *flashbulb*. Alguns estudos têm procurado clarificar quais as semelhanças e diferenças nas memórias *flashbulb* para eventos positivos e negativos (e.g., Berntsen & Thomsen, 2005; Bohn & Berntsen, 2007; Tekcan, 2001; Tinti et al., 2013).

Emoções positivas (e.g., orgulho, alívio, satisfação, felicidade e realização) e emoções negativas (e.g., tristeza, raiva, medo e arrependimento) têm diferentes efeitos no processamento e na retenção a longo-prazo das memórias *flashbulb* (Bohn & Berntsen, 2007). A valência do evento afeta a consistência, a confiança e a precisão das memórias. Por exemplo, acontecimentos de valência positiva têm sido associados a um maior declínio da consistência das memórias ao longo do tempo e a uma maior confiança nas memórias reportadas do que acontecimentos negativos (Berntsen & Thomsen, 2005; Kensigter & Schacter, 2006). Os preditores da formação e manutenção de uma memória *flashbulb* podem também ter efeitos diferentes consoante a valência do evento. Uma importante distinção refere-se ao grau de surpresa associado. Eventos positivos tendem a ser mais expectáveis enquanto os negativos são geralmente mais surpreendentes (Berntsen, 2002; Rubin & Berntsen, 2003).

A queda do muro de Berlim em 1989 ocorreu após 28 anos de divisão entre a Alemanha de leste e a Alemanha ocidental. Este evento foi percebido como positivo para alguns e como negativo para outros, tendo sido em ambos os casos potenciador de uma memória *flashbulb*. Bohn e Berntsen (2007) mostraram que os participantes que consideraram o evento

positivo classificaram as suas memórias pessoais como mais elevadas em termos de sentimento de alívio e aspetos sensoriais associados. Por sua vez, a sua memória para os factos do evento foi menos precisa do que a dos participantes que julgaram o evento como negativo. Estes participantes avaliaram o evento como tendo maior consequencialidade, mas recapitularam-no menos vezes, considerando-o como menos central para a sua identidade. Estes dados sugerem que as pessoas tendem a recordar mais experiências de vida positivas e que as recapitulam mais frequentemente (e.g., *pleasantness bias*; ver Matlin & Stang, 1978).

Outros estudos sugerem que a valência não afeta o número de detalhes recordados sobre o evento. Kensinger e Schacter (2006) testaram as memórias de adeptos de basebol para o jogo da final de 2004, comparando a memória de indivíduos que avaliaram o evento como positivo (fãs dos Red Sox), negativo (fãs dos Yankees) e neutro (fãs de outras equipas). Apesar da valência positiva, negativa ou neutra não ter afetado significativamente o número de detalhes evocados, influenciou a qualidade das memórias, i.e., a consistência e a confiança na memória. Especificamente, o grupo de valência negativa apresentou uma maior consistência nas suas memórias. Por sua vez, o grupo de valência positiva apresentou uma maior confiança nas suas memórias para o contexto de receção do evento.

Estudos adicionais têm evidenciado que a valência afeta o tipo de detalhes recordados. A emoção negativa, para além de melhorar a recordação para o contexto de receção das notícias do evento, parece melhorar também a evocação de detalhes internos, como pensamentos e sentimentos desencadeados pelos eventos (Gandolphe & El-Haj, 2017). O conteúdo emocional negativo aumenta a probabilidade de evocação de detalhes visuais mais específicos, i.e., detalhes centrais relacionados com a resposta emocional (Kensinger, Garoff-Eaton & Schacter, 2006), enquanto o conteúdo emocional positivo aumenta a recordação de detalhes periféricos (Talarico, Berntsen & Rubin, 2009).

Diferenças relativas à intensidade emocional e à identidade social consoante a valência do evento têm também sido examinadas. A intensidade emocional dos eventos, particularmente os de valência positiva, aumenta a identidade social do grupo, tornando o evento mais memorável para os indivíduos desse grupo (Talarico & Moore, 2012). O aumento da identidade social leva a uma maior recapitulação que, por sua vez, melhora a fenomenologia da memória autobiográfica (Talarico & Moore, 2012). Berntsen (2009) postulou que eventos que mantêm a identidade do grupo positiva são mais frequentemente recapitulados e, portanto, são recordados com maior precisão e com maior vividez, alívio e confiança na recordação. Seguindo esta ordem de ideias, eventos que ameaçam a identidade do grupo, têm acessibilidade diminuída ou são mais facilmente distorcidos através de um mecanismo seletivo de recapitulação. Talarico e Moore (2012) confirmaram esta proposta num estudo sobre um jogo de futebol americano entre duas equipas rivais, Lafayette e Lehigh.

### **Limitações da Investigação sobre Memória *Flashbulb***

Desde o estudo original de Brown e Kulik (1977) até ao presente, o conhecimento sobre os processos cognitivos subjacentes às memórias *flashbulb* avançou substancialmente. No entanto, tal como a revisão da literatura sugere, algumas questões mantêm-se em aberto. No que concerne os preditores das memórias *flashbulb*, os estudos têm-se focado em alguns fatores considerados críticos, faltando, contudo, uma visão panorâmica que inclua um conjunto alargado de preditores. Por exemplo, no estudo de Brown e Kulik (1977), a variável surpresa não foi medida diretamente, tendo os investigadores assumido que a morte do Presidente John Kennedy foi surpreendente. Noutro exemplo, Gandolphe e El-Haj (2017) não consideraram a importância atribuída ao evento como um preditor da memória *flashbulb*, admitindo que deveriam ter considerado essa medida. Além disso, não há um consenso sobre a influência de determinados preditores na memória *flashbulb*, como é o caso do efeito da idade dos

participantes (e.g., Berntsen & Thomsen, 2005; Cohen et al., 1994; Davidson & Glisky, 2006; Tekcan & Peynircioglu, 2002), do grau de recapitulação dos eventos (e.g., Hornstein et al., 2003; Pillemer, 2003; Tinti et al., 2013) ou do papel da valência das emoções (e.g., Bohn & Berntsen, 2007; Kensiger & Schacter, 2006). O presente estudo visa colmatar estas limitações, avaliando um conjunto diverso de preditores e procurando distinguir os efeitos específicos que estes exercem na memória *flashbulb* e na memória do evento.

Como referido anteriormente, a investigação sobre memórias *flashbulb* tem-se centrado sobretudo em eventos de valência negativa. Apesar de existirem alguns estudos que comparam eventos positivos com negativos, não há até ao momento, nenhum estudo que compare um evento positivo e um evento negativo experienciado pelo mesmo grupo de pessoas. O que há, é investigação que confronta diferentes interpretações emocionais, por diferentes indivíduos, para um mesmo evento. O presente estudo pretende abrir caminho para uma maior investigação sobre memórias *flashbulb* para eventos positivos e comparar diretamente dois sub-eventos com valências distintas para o mesmo grupo de participantes.

## **O Presente Estudo**

O presente estudo investigou as memórias dos cidadãos portugueses para a vitória de Portugal no Campeonato Europeu de Futebol de 2016. O jogo da final entre as seleções nacionais de Portugal e França foi realizado no dia 10 de julho de 2016, no Stade de France em St. Dennis. Portugal venceu a seleção anfitriã, favorita ao título, por 1-0 em tempo de prolongamento com um golo marcado por Éder.

Este evento reúne um conjunto de características definidoras de eventos *flashbulb*. Foi de grande interesse para a maioria dos portugueses, pois foi apenas a segunda vez que a seleção portuguesa chegou à final do campeonato europeu (a primeira vez foi em 2004 quando Portugal foi o país organizador e perdeu frente à Grécia). Foi também um acontecimento importante

para muitos portugueses dado que o futebol é o desporto com maior número de adeptos em Portugal, mobilizando um grande número de pessoas. Além disso, muitas pessoas possuem uma ligação afetiva e emocional à seleção nacional. A vitória foi, para muitos, inesperada. França foi o país organizador e tinha uma equipa considerada mais forte. A seleção francesa já tinha ganho duas vezes o Campeonato Europeu (em 1984 e 2000) e uma vez o Campeonato Mundial (em 1998).

Focando-se nas memórias que os portugueses guardam da vitória da seleção portuguesa, este estudo investigou as memórias *flashbulb* para um evento capaz de potenciar emoções positivas, complementando estudos anteriores que se têm centrado sobretudo em eventos geradores de emoções negativas. Pretendeu-se explorar a relação entre memória *flashbulb* e memória do evento, examinando os fatores que influenciam a proporção de memórias *flashbulb*, por um lado, e a precisão das memórias do evento, por outro. O estudo visou ainda comparar dois sub-eventos específicos que decorreram durante o jogo, um de valência negativa (i.e., a lesão de Cristiano Ronaldo) e um de valência positiva (i.e., o golo de Éder), e verificar eventuais diferenças e semelhanças na precisão dessas memórias.

Segundo os trabalhos de Brown e Kulik (1977), Conway e colaboradores (1994) e Tinti e colaboradores (2013) prevê-se que a importância atribuída ao evento esteja associada a um maior número de detalhes evocados para a memória *flashbulb*. Espera-se também que a recapitulação leve não só a uma maior quantidade de informação reportada para a memória *flashbulb*, mas também a uma maior precisão para a memória do evento (e.g., Gandolphe & El-Haj, 2017; Tinti et al., 2013). O conhecimento tem mostrado ser um determinante da memória do evento, mas não da memória *flashbulb* (Tinti et al., 2013). Deste modo, prevê-se que a memória do evento seja mais precisa para os participantes que possuam mais conhecimento geral sobre futebol e sobre o campeonato europeu.

Pretende-se também clarificar o papel da surpresa nas memórias *flashbulb*, pois alguns estudos postulam que a surpresa é uma condição necessária para a formação e manutenção de uma memória *flashbulb* (e.g., Brown & Kulik, 1977, Christianson, 1989) enquanto outros defendem a existência de memórias *flashbulb* para eventos que não geram surpresa (e.g., Tinti et al., 2013; Curci & Luminet, 2009, Lanciano et al., 2013). Outros determinantes como a intensidade emocional, a idade e o género têm também apresentado conclusões contraditórias na literatura tanto para a memória *flashbulb* como para a memória do evento.

O presente estudo compara, pela primeira vez, um sub-evento positivo com um sub-evento negativo experienciados pelo mesmo grupo de pessoas. Prevê-se que a memória para o sub-evento negativo (a lesão de Cristiano Ronaldo) seja mais precisa, dado o papel que as emoções de valência negativa têm na recordação dos factos do evento (Bohn & Berntsen, 2007). Por outro lado, é de esperar que o sub-evento positivo (o golo de Éder) seja mais recapitulado, uma vez que existem evidências de que eventos positivos e que sustentam a identidade social são recapitulados mais frequentemente (Bohn & Berntsen, 2007; Talarico & Moore, 2012).

## **Método**

### **Participantes**

Os participantes foram recrutados na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FP-UL) e *online* através da divulgação de um *link* para o questionário alojado na plataforma Qualtrics (Qualtrics, Provo, UT; ver Anexo A). Participaram no total 222 portugueses. As suas idades variaram entre 2518 e 85 anos ( $M= 28.58$ ,  $DP= 14.61$ ), sendo 63.50% do género feminino. Todos os participantes assistiram ao jogo completo da final. Dos 222 participantes, 76.60% são adeptos de um clube de futebol, sendo que 37.80% são apoiantes

do Sport Lisboa e Benfica e 30.60% do Sporting Clube de Portugal. Grande parte da amostra é residente na Área Metropolitana de Lisboa (82.40%) com relevância também para participantes da zona do Alentejo (6.30%) e Centro (5.40%). Os participantes foram testados cerca de 2 anos após a final do Campeonato Europeu de 2016 (entre abril e novembro de 2018). Não foi dada qualquer recompensa financeira aos participantes. No entanto, aos participantes estudantes da FP-UL foi dada a bonificação de 1 crédito numa unidade curricular. Todos os participantes foram informados que o questionário era anónimo e que os dados seriam utilizados exclusivamente para fins científicos. O estudo foi aprovado pela Comissão de Deontologia da FP-UL.

## **Procedimento**

Os participantes começaram por ler e aceitar o consentimento informado onde foi explicitada a confidencialidade e anonimato das respostas assim como o carácter voluntário da participação no estudo. Foi ainda dada uma breve explicação do objetivo do estudo e indicados os requisitos para participação no mesmo (i.e., ter idade igual ou superior a 18 anos, ter visto o jogo completo da final e ter cidadania portuguesa). De seguida, os participantes responderam às várias secções do questionário, começando por indicar os seus dados demográficos (e.g., idade, sexo, naturalidade, cidade onde vive), seguindo-se um conjunto de questões sobre as suas memórias para o jogo da final (memórias pessoais e do evento) e questões sobre conhecimento geral de futebol. O questionário incluiu ainda perguntas para avaliar outros fatores frequentemente associados às memórias *flashbulb*, nomeadamente o grau em que os participantes eram fãs de futebol, o grau de surpresa com o evento, a intensidade e valência das emoções vividas e o grau em que recapitularam os eventos do jogo.

Para evitar que os participantes, ao darem a sua resposta, consultassem outras fontes de informação (e.g., *internet* ou outras pessoas), estes foram instruídos a responder “não sei/não me lembro” caso não soubessem ou não se lembrassem da resposta. Foi também enfatizado

que o objetivo do estudo era perceber características gerais das memórias, sendo normal não se lembrarem de algumas coisas. No total, o questionário demorou em média 23 minutos a ser respondido ( $DP=21.94$ ).

## **Materiais**

O questionário avaliou as memórias *flashbulb*, as memórias do evento e os possíveis determinantes da sua formação e manutenção, os quais se encontram descritos abaixo. Os fatores determinantes escolhidos tiveram por base estudos prévios sobre esta temática (e.g., Brown & Kulik, 1977; Conway et al., 1994; Tinti et al., 2013).

### **Memória *flashbulb*: detalhe, confiança e vividez.**

Os participantes responderam a questões abertas sobre as suas memórias pessoais para o jogo da final do Euro 2016. Tal como em estudos anteriores, as perguntas incidiram nas características canónicas identificadas por Brown e Kulik (1977), assim como em características idiossincráticas. Concretamente, a memória *flashbulb* foi medida através de dez itens abertos relativos ao contexto em que os participantes vivenciaram a vitória: onde estavam, com quem estavam, com quantas pessoas estavam, o que fizeram imediatamente antes do jogo, o que fizeram imediatamente a seguir ao jogo, o que sentiram quando souberam da vitória, como é que os outros à sua volta reagiram, o que comeram, o que beberam e o que tinham vestido. Foi atribuído um ponto quando os participantes forneceram uma resposta e atribuídos zero pontos quando não responderam. As respostas “Não sei” ou “Não me lembro” foram cotadas com zero pontos. A proporção dos detalhes recordados foi calculada com base no número de respostas dadas sobre o total de perguntas.

Para cada uma das respostas, foi questionado o grau de confiança na resposta numa escala de 1 (nada confiante) a 7 (muito confiante). A média do grau de confiança foi usado



como indicador do grau total de confiança na memória *flashbulb*. Por fim, para medir a vividez destas memórias, os participantes indicaram o quão vívida era a sua imagem do momento em que souberam da vitória de Portugal numa escala de 1 (nada vívida) a 7 (muito vívida).

### **Memória do evento: precisão e confiança.**

Dez questões abertas foram usadas para medir a capacidade dos participantes de recordarem informação factual sobre o jogo (e.g., “Quantos golos houve no jogo?”, “Qual o símbolo que Ricardo Quaresma tinha no seu penteado?”; ver Anexo A). Estas respostas foram cotadas com um ponto se corretas e zero se incorretas. A precisão da memória do evento foi calculada através da proporção das respostas corretas sobre o número total de perguntas. Os participantes classificaram ainda a confiança nas suas respostas para cada questão usando uma escala de 7 pontos (em que 1=nada confiante e 7=muito confiante). A média do grau de confiança foi usada como indicador do grau total de confiança na memória para o evento.

### **Memória para os sub-eventos positivo e negativo: precisão.**

Foram colocadas cinco questões especificamente relacionadas com um sub-evento negativo do jogo, i.e., a lesão de Cristiano Ronaldo (e.g., “Em que parte do corpo Cristiano Ronaldo ficou lesionado?”) e cinco questões sobre o sub-evento positivo, i.e., o gol de Éder (e.g., “Que jogador da seleção francesa disputou a bola com Éder quando este recebeu o passe?”). Para cada sub-evento, a precisão da memória foi calculada através da proporção das respostas corretas sobre o total de perguntas.

### **Fatores preditores da memória *flashbulb* e da memória do evento.**

Os restantes itens do questionário avaliaram os potenciais preditores da memória *flashbulb* e da memória do evento, nomeadamente, o conhecimento sobre futebol, a intensidade das emoções, o grau de surpresa, a recapitulação, o interesse e a importância dada ao evento.

#### ***Conhecimento sobre futebol.***

O conhecimento geral dos participantes sobre futebol e sobre o campeonato europeu de futebol foi avaliado através de dez questões relativas a regras de futebol, dados sobre futebol e conhecimento acerca do Campeonato Europeu (e.g., “Quantos jogadores podem ser convocados para o campeonato europeu?”, “Quantas substituições podem ser realizadas dentro do tempo regulamentar?”). A cada resposta foram atribuídos um ou zero pontos, consoante estivesse certa ou errada. O conhecimento geral de futebol foi então medido através da proporção das respostas corretas às dez questões.

#### ***Importância.***

Os participantes classificaram o quão importante o evento foi para si (importância pessoal), para os membros da sua família (importância familiar), para Portugal (importância nacional) e para a comunidade internacional (importância mundial), usando uma escala de 7 pontos variando entre 1 (nada importante) a 7 (muito importante). A média das quatro respostas dadas por cada participante foi usada como indicador da importância atribuída ao evento.

#### ***Surpresa.***

Os participantes classificaram o quão surpreendidos ficaram com a vitória de Portugal, numa escala de 7 pontos, em que 1=nada surpreendido e 7=muito surpreendido.

### ***Interesse.***

Para avaliar o interesse foram usadas duas medidas, o interesse por futebol e o interesse pelo campeonato europeu. A primeira foi constituída por três itens em que os participantes tinham de indicar o quanto torcem pela seleção portuguesa e pela sua equipa de futebol, assim como a frequência com que veem jogos de futebol, usando uma escala de 7 pontos. Os participantes indicavam também a frequência com que viram os jogos do europeu, sendo essa medida usada como índice de interesse no campeonato europeu.

### ***Recapitulação.***

Os participantes responderam a duas questões sobre a frequência com que pensaram e conversaram sobre a vitória de Portugal durante as 24 horas que se seguiram ao jogo e durante os últimos 6 meses. Foram colocadas também duas questões sobre a frequência com que seguiram as notícias sobre a vitória de Portugal através dos diferentes meios de comunicação (televisão, redes sociais, jornais, rádio). As respostas foram dadas numa escala de 1 (nada frequentemente) a 7 (muito frequentemente). A média dessas quatro respostas foi considerada como indicador do grau de recapitulação.

### ***Emoção.***

O questionário incluiu várias questões sobre a intensidade e a valência das emoções assim como sobre as emoções viscerais sentidas. Foi pedido aos participantes para pensarem no momento em que souberam da vitória de Portugal no Euro 2016 e para classificarem a intensidade da sua reação emocional numa escala de 7 pontos variando entre 1 (nada intensa) e 7 (muito intensa). Foi ainda pedido para classificarem a intensidade de dez emoções discretas (tristeza, raiva, orgulho, alívio, medo, satisfação, alegria, arrependimento, realização e nojo),

usando a mesma escala de 7 pontos. As médias das classificações para satisfação, alegria, realização, orgulho e alívio foram usadas como indicador da intensidade das emoções positivas e, por sua vez, as médias das classificações para tristeza, raiva, medo, arrependimento e nojo foram usadas como indicador das emoções negativas. Os participantes avaliaram adicionalmente, numa escala de 7 pontos, as emoções viscerais sentidas quando pensam na vitória (i.e., até que ponto sentem o coração bater mais rápido, sentem tensão, borboletas no estômago e se sentem a suar). Para cada sub-evento (negativo e positivo) foi também pedido aos participantes para classificarem as vivências emocionais associadas a cada um.

### **Análise Estatística**

Foi conduzida uma análise descritiva dos dados com o objetivo de sumarizar as várias medidas de memórias e seus potenciais preditores. Subsequentemente, foi realizada uma análise inferencial com recurso à regressão linear hierárquica para testar a relação entre os preditores e a memória *flashbulb* e a memória do evento. Na análise inferencial, os fatores preditores foram organizados em 3 blocos. O primeiro bloco incluiu as variáveis demográficas, nomeadamente a idade e o sexo dos participantes. No segundo bloco foram adicionados os preditores *flashbulb*, i.e., fatores frequentemente considerados como preditores da memória *flashbulb*, incluindo a intensidade emocional, a recapitulação, a importância e a surpresa. Por fim, no terceiro bloco, considerou-se o conhecimento sobre futebol, dada a sua relevância em estudos anteriores nesta temática (e.g., Tinti et al., 2013).

## Resultados

### Análise Descritiva

As médias e desvios padrão das variáveis preditoras estudadas encontram-se reportados na Tabela 1. Como a tabela mostra, a idade dos participantes variou entre os 18 e os 85 anos ( $M = 28.58$ ,  $DP = 14.61$ ). Dos 222 participantes, 141 eram do sexo feminino e 81 do sexo masculino.

Os participantes reportaram ter tido uma resposta emocional forte no momento em que souberam da vitória de Portugal ( $M = 6.16$ ,  $DP = 1.08$ ). Especificamente, reportaram sentir uma intensa emoção positiva ( $M = 5.93$ ,  $DP = 0.96$ ) comparativamente às emoções negativas, as quais foram sentidas em menor intensidade ( $M = 1.18$ ,  $DP = 0.44$ ). Também as emoções viscerais foram sentidas com relativa baixa intensidade ( $M = 2.35$ ,  $DP = 1.34$ ). Os participantes indicaram recapitular as circunstâncias da vitória da seleção portuguesa frequentemente ( $M = 4.16$ ,  $DP = 1.22$ ), tanto através de pensamentos e conversas, como através dos diferentes meios de comunicação, tendo sido um evento muito recapitulado sobretudo nas 24 horas que se seguiram. Relativamente à importância atribuída à vitória, os participantes avaliaram a vitória como importante ( $M = 5.28$ ,  $DP = 1.12$ ) sobretudo para Portugal enquanto nação. Também elevada foi a surpresa dos participantes perante este evento ( $M = 5.24$ ,  $DP = 1.38$ ). Os participantes reportaram que o seu interesse no Campeonato Europeu foi relativamente baixo ( $M = 2.59$ ,  $DP = .71$ ), mas o interesse geral em futebol foi elevado ( $M = 5.13$ ,  $DP = 1.44$ ).

O conhecimento sobre futebol e sobre o campeonato europeu, medido através da precisão das respostas às perguntas sobre estes temas, foi em média relativamente baixo ( $M = .41$ ,  $DP = .25$ ). Contudo, o desvio padrão aponta para a existência de grandes variações no nível de conhecimento entre os participantes.

Tabela 1

*Análise Descritiva das Variáveis Predictoras*

Variáveis	Indicadores	<i>M</i>	<i>DP</i>	Valor Mínimo	Valor Máximo	<i>N</i>
Idade		28.58	14.61	18	85	222
Sexo	Feminino					141
	Masculino					81
Emoções	Intensidade emocional	6.16	1.08	1.00	7.00	
	Emoções Positivas	5.93	.96	1.60	7.00	
	Emoções Negativas	1.18	.44	1.00	5.00	
	Emoções Viscerais	2.35	1.34	1.00	7.00	
Recapitulação		4.16	1.22	1.00	7.00	
Importância		5.28	1.12	1.00	7.00	
Surpresa		5.24	1.38	1.00	7.00	
Interesse	Interesse Euro	2.59	.71	1.00	4.00	
	Interesse Futebol	5.13	1.44	1.33	7.00	
Conhecimento		.41	.25	.00	1.00	

As médias e desvios padrão do desempenho nas perguntas de memória encontram-se reportados na Tabela 2. Relativamente à memória *flashbulb*, em média, a proporção de respostas dadas foi bastante elevada ( $M = .88$ ,  $DP = .13$ ). A confiança nas respostas, também foi elevada, mesmo dois anos após o evento ( $M = 6.41$ ,  $DP = .66$ ). Relativamente à vividez das memórias *flashbulb*, os participantes reportaram ter uma imagem vívida do momento em que souberam da vitória ( $M = 5.69$ ,  $DP = 1.31$ ). Para a memória do evento, os participantes recordaram-se corretamente de pouca informação factual sobre o jogo ( $M = .39$ ,  $DP = .22$ ). O grau de confiança nas respostas dadas foi em média relativamente elevado ( $M = 4.96$ ,  $DP = 1.47$ ). Já a precisão para a memória dos sub-eventos negativo ( $M = .28$ ,  $DP = .27$ ) e positivo ( $M = .26$ ,  $DP = .30$ ) foi baixa.

Tabela 2

*Análise Descritiva do Desempenho de Memória*

Variáveis	Indicadores	<i>M</i>	<i>DP</i>	Valor	
				Mínimo	Máximo
Memória <i>Flashbulb</i>	Proporção de respostas dadas	.88	.13	.20	1.00
	Confiança (1-7)	6.41	.66	2.70	7.00
	Vividez (1-7)	5.69	1.31	1.00	7.00
Memória do Evento	Precisão	.39	.22	.00	1.00
	Confiança (1-7)	4.96	1.47	1.00	7.00
Memória do sub-evento Negativo	Precisão	.28	.27	.00	1.00
Memória do sub-evento Positivo	Precisão	.26	.30	.00	1.00

**Regressão Hierárquica**

Antes de conduzir a regressão múltipla hierárquica, os pressupostos relevantes desta análise estatística foram verificados. As estatísticas de colinearidade (i.e., Tolerância e Fator de Inflação da Variância - VIF) estavam dentro de limites considerados aceitáveis. Para o VIF, confirmou-se que todos os fatores incluídos no modelo apresentavam valores  $< 10$ , sendo que valores superiores a 10 indicam multicolinearidade (Bowerman & O'Connell, 1990; Myers, 1990). Por sua vez, os valores de tolerância foram todos  $> .2$ , com valores inferiores a .2 indicando multicolinearidade, de acordo com Menard (1995). Os coeficientes de correlação revelaram que os preditores incluídos no modelo não estão fortemente correlacionados, com  $r < .5$  em todos os casos. A única exceção foi a associação entre as variáveis sexo e conhecimento, com  $r = -.56$ , o que mostra que os homens têm mais conhecimentos de futebol do que as mulheres. Ainda assim, mantiveram-se os dois fatores no modelo, por se tratarem de variáveis distintas.

### **Memória *flashbulb*.**

Uma regressão hierárquica de três blocos foi realizada tendo como variável dependente a proporção de respostas dadas às questões sobre memória *flashbulb*. As variáveis demográficas (idade e sexo) entraram no bloco 1 da regressão. As variáveis *flashbulb* incluindo intensidade emocional, recapitulação, importância e surpresa entraram no bloco 2. De notar que o fator interesse (no campeonato europeu e no futebol) não foi incluído no modelo, pois apresentou uma correlação forte com a variável conhecimento ( $r = .53$ ), partilhando grande parte da variação. O fator conhecimento foi incluído no bloco 3. Embora seja um fator que tem sido menos estudado na literatura das memórias *flashbulb*, pode revestir-se de especial importância no contexto específico de memórias para um evento de futebol, tal como sugerido por Tinti e colaboradores (2013). Os parâmetros da regressão para a memória *flashbulb* encontram-se reportados na Tabela 3.

Os resultados mostraram que o modelo com as variáveis demográficas não foi significativo,  $F(2, 213) = 2.63$ ,  $p = .08$ , explicando apenas 2.40% da variação na memória *flashbulb*. As variáveis *flashbulb* contribuíram significativamente para o modelo de regressão,  $F(4, 209) = 8.27$ ,  $p < .001$ . No seu conjunto, o modelo que inclui variáveis demográficas e variáveis *flashbulb* explica 15.70% da variação existente na quantidade de memórias *flashbulb* reportadas. Os preditores com efeito significativo foram a idade (2.07%,  $\beta = -.15$ ,  $t = -2.27$ ,  $p = .02$ ), a recapitulação (1.61%,  $\beta = .15$ ,  $t = 2.00$ ,  $p = .05$ ) e a intensidade emocional (4.41%,  $\beta = .24$ ,  $t = 3.31$ ,  $p = .001$ ). Especificamente, a idade teve um efeito negativo na precisão da memória *flashbulb*, mostrando que à medida que a idade aumenta, os participantes evocam menos detalhes sobre a vivência pessoal do evento. Por sua vez, tanto a intensidade emocional como a recapitulação apresentaram um efeito positivo, ou seja, quanto maior a intensidade emocional e a recapitulação reportadas, maior a quantidade de detalhes evocados pelos participantes sobre a vivência pessoal do evento. A introdução do conhecimento aumentou a



explicação da variação para 16,90%, não tendo, contudo, um efeito significativo na memória *flashbulb*,  $F(1, 208) = 2.77$ ,  $p = .10$ .

Tabela 3

*Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória Flashbulb*

Variável	$\beta$	$t$	$p$	$sr^2$	R	$R^2$	$\Delta R^2$	$\Delta F$	$p$ (modelo)
Bloco 1					.16	.02	.02	2.63	.08
Idade	-.14	-2.02	.04*	.02					
Sexo	-.11	-1.58	.12	.01					
Bloco 2					.40	.16	.13	8.27	.00***
Idade	-.15	-2.27	.02*	.02					
Sexo	-.11	-1.64	.10	.01					
Intensidade emocional	.24	3.31	.00**	.04					
Recapitulação	.15	2.00	.05*	.02					
Importância	.06	.85	.39	.00					
Surpresa	.04	.61	.54	.00					
Bloco 3					.41	.17	.01	2.77	.10
Idade	-.15	-2.23	.03*	.02					
Sexo	-.03	-.37	.72	.00					
Intensidade emocional	.24	3.32	.00**	.04					
Recapitulação	.11	1.43	.16	.01					
Importância	.05	.65	.52	.00					
Surpresa	.04	.55	.58	.00					
Conhecimento	.14	1.67	.10	.01					

Nota: \* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

### **Memória do evento.**

Uma regressão hierárquica com três blocos foi realizada, tendo a proporção de respostas corretas para a memória do evento como variável dependente (Tabela 4). Os blocos e variáveis independentes incluídas foram as mesmas que para a memória *flashbulb*. Os resultados mostraram que no bloco 1 as variáveis demográficas contribuíram significativamente para o modelo de regressão,  $F(2, 213) = 15.74, p < .001$  e explicaram 12.90% da variação na precisão da memória do evento. Ambas as variáveis foram significativas, com a idade a explicar 1.80% ( $\beta = -.14, t = -2.10, p = .04$ ) e o sexo a explicar 12.74% da variação na memória do evento ( $\beta = -.37, t = -5.57, p < .001$ ). Deste modo, participantes mais novos apresentaram uma maior precisão para os factos do evento, assim como o sexo masculino comparativamente ao feminino.

A introdução das variáveis *flashbulb* no modelo de regressão explicou adicionalmente 13,7% da variação sendo este efeito significativo, com  $F(4, 209) = 9.78, p < .001$ . A idade, o sexo e a recapitulação foram as variáveis significativas. A idade explicou 2.04% da variação na precisão da memória do evento ( $\beta = -.15, t = -2.42, p = .02$ ), o sexo explicou 13.76% ( $\beta = -.39, t = -6.27, p < .001$ ) e a recapitulação 5.15% ( $\beta = .26, t = 3.84, p < .001$ ). Especificamente, quanto mais frequente foi a recapitulação reportada, maior foi a precisão da memória dos participantes sobre o evento.

Finalmente, a adição do conhecimento ao modelo de regressão explicou mais 28.90% da variação na memória do evento, sendo a sua mudança no  $R^2$  significativa,  $F(1, 208) = 135.47, p < .001$ . O preditor mais importante e significativo foi o conhecimento que sozinho explicou 28.94% da variação na precisão da memória do evento ( $\beta = .71, t = 11.64, p < .001$ ). Quanto maior o conhecimento geral dos participantes acerca de futebol e da competição europeia, maior foi a precisão das suas memórias para os eventos específicos do jogo da final.

Para além deste preditor, a idade teve também um efeito significativo, explicando 1.66% da variação ( $\beta = -.13$ ,  $t = -2.80$ ,  $p = .01$ ).

Tabela 4

*Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória para o Evento*

Variável	$\beta$	$t$	$p$	$sr^2$	R	$R^2$	$\Delta R^2$	$\Delta F$	$p$ (modelo)
Bloco 1					.36	.13	.13	15.74	.00***
Idade	-.14	-2.10	.04*	.02					
Sexo	-.37	-5.57	.00***	.13					
Bloco 2					.52	.27	.14	9.78	.00***
Idade	-.15	-2.42	.02*	.02					
Sexo	-.39	-6.27	.00***	.14					
Intensidade emocional	.08	1.11	.27	.00					
Recapitulação	.26	3.84	.00***	.05					
Importância	.11	1.51	.13	.01					
Surpresa	-.07	-1.10	.27	.00					
Bloco 3					.75	.56	.29	135.47	.00***
Idade	-.13	-2.80	.01**	.02					
Sexo	.02	.25	.80	.00					
Intensidade emocional	.07	1.35	.18	.00					
Recapitulação	.07	1.28	.20	.00					
Importância	.03	.51	.61	.00					
Surpresa	-.09	-1.81	.07	.01					
Conhecimento	.71	11.64	.00***	.29					

Nota: \* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$

### **Memória dos sub-eventos positivo e negativo.**

Foram conduzidas duas regressões hierárquicas com três blocos cada uma, tendo a precisão da memória para o sub-evento positivo (i.e., o gol de Éder) e a precisão da memória para o sub-evento negativo (i.e., a lesão de Cristiano Ronaldo), respetivamente, como variáveis dependentes. Tal como nos modelos anteriores, as variáveis demográficas (idade e sexo) entraram no bloco 1 da regressão. As variáveis *flashbulb* como a intensidade, recapitulação, importância e surpresa entraram no bloco 2, e o conhecimento no bloco 3.

Os resultados para a memória do sub-evento positivo (Tabela 5) demonstraram que as variáveis demográficas contribuíram significativamente para o modelo de regressão,  $F(2, 213) = 44.75, p < .001$ , explicando 29.60% da variação observada na precisão da memória para este sub-evento. As variáveis significativas, idade ( $\beta = -.14, t = -2.42, p = .02$ ) e sexo ( $\beta = -.56, t = -9.46, p < .001$ ), explicaram, respetivamente, 1.93% e 29.59% da variação encontrada. Participantes do sexo masculino e participantes mais novos foram os que apresentaram uma maior precisão para a memória do sub-evento positivo.

A junção das variáveis *flashbulb* ao modelo de regressão explicou mais 6.90% da variação na memória e a sua mudança no  $R^2$  foi significativa,  $F(4, 209) = 5.72, p < .001$ . Neste modelo, os preditores significativos foram a idade, o sexo e a recapitulação. A idade ( $\beta = -.15, t = -2.63, p = .01$ ) explicou 2.10% da variação na memória para o sub-evento positivo, o sexo ( $\beta = -.58, t = -9.93, p < .001$ ) explicou 29.92% e, finalmente, a recapitulação ( $\beta = .19, t = 2.99, p = .003$ ) explicou 2.72%. Como se pode constatar, esta última variável apresentou um efeito positivo na precisão da memória do sub-evento positivo, ou seja, quanto maior a recapitulação do jogo maior a precisão da memória para o sub-evento.

Por fim, a adição do conhecimento ao modelo de regressão explicou mais 23.40% da variação na memória para o sub-evento positivo e a sua mudança no  $R^2$  foi também significativa,  $F(1, 208) = 121.57, p < .001$ . Quando todas as variáveis independentes foram

incluídas no bloco 3, a idade ( $\beta = -.14$ ,  $t = -3.02$ ,  $p = .003$ ), o sexo ( $\beta = -.21$ ,  $t = -3.71$ ,  $p < .001$ ) e o conhecimento ( $\beta = .63$ ,  $t = 11.03$ ,  $p < .001$ ) emergiram como os únicos preditores significativos. O preditor mais importante foi o conhecimento explicando 23.43% da variação na precisão da memória para o sub-evento positivo. Este preditor apresentou um efeito positivo na precisão da memória do sub-evento positivo, revelando que participantes com mais conhecimento geral sobre futebol, se recordam melhor do gol de Éder. A idade e o sexo explicaram 1.74% e 2.66%, respectivamente. Em conjunto, as 7 variáveis explicaram 59.90% da variação na memória para o sub-evento positivo.

Tabela 5

*Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória para o Sub-evento Positivo*

Variável	$\beta$	$t$	$p$	$sr^2$	R	$R^2$	$\Delta R^2$	$\Delta F$	$p$ (modelo)
Bloco 1					.54	.30	.30	44.75	.00***
Idade	-.14	-2.42	.02*	.02					
Sexo	-.56	-9.46	.00***	.30					
Bloco 2					.60	.37	.07	5.72	.00***
Idade	-.15	-2.63	.01*	.02					
Sexo	-.58	-9.93	.00***	.30					
Intensidade emocional	.07	1.05	.30	.00					
Recapitulação	.19	2.99	.00**	.03					
Importância	.06	.98	.33	.00					
Surpresa	-.03	-.56	.58	.00					
Bloco 3					.77	.60	.23	121.57	.00***
Idade	-.14	-3.02	.00**	.02					
Sexo	-.21	-3.71	.00***	.03					
Intensidade emocional	.06	1.25	.21	.00					
Recapitulação	.02	.35	.73	.00					
Importância	-.01	-.13	.90	.00					
Surpresa	-.05	-1.07	.28	.00					
Conhecimento	.63	11.03	.00***	.23					

Nota: \* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ .  $p < .001$

Relativamente à memória para o sub-evento negativo (ver Tabela 6), a regressão hierárquica múltipla mostrou que no bloco 1 as variáveis demográficas contribuíram significativamente para o modelo de regressão,  $F(2, 213) = 18.16, p < .001$ , explicando 14.60% da variação existente na memória para o sub-evento negativo. O sexo foi o único preditor significativo, explicando 13.91% da variação,  $\beta = -.39, t = -5.89, p < .001$ . Especificamente, os homens apresentaram uma memória mais precisa para os factos associados à lesão de Cristiano Ronaldo do que as mulheres.

Com a introdução das variáveis *flashbulb* o modelo passou a explicar mais 5.10% da variação neste tipo de memória e essa mudança foi significativa,  $F(4, 209) = 3.34, p = .01$ . O sexo dos participantes ( $\beta = -.41, t = -6.31, p < .001$ ) e a importância dada ao evento ( $\beta = .16, t = 2.19, p = .03$ ) foram os preditores significativos, explicando 15.29% e 1.85%, respetivamente, da variação na memória para o sub-evento negativo. A importância demonstrou ter um efeito positivo na precisão da memória do sub-evento negativo, i.e., quanto maior foi a classificação dos participantes sobre a importância da vitória de Portugal, mais elevada foi a precisão da memória para os factos do sub-evento negativo.

Adicionar o nível de conhecimento ao modelo de regressão permitiu explicar mais 12.40% da variação na memória para este sub-evento, um efeito que foi significativo,  $F(1, 208) = 37.90, p < .001$ . Quando todas as variáveis foram inseridas no bloco 3, os preditores significativos foram o sexo ( $\beta = -.15, t = -1.98, p = .05$ ) e o conhecimento ( $\beta = .46, t = 6.16, p < .001$ ), tendo este último determinante um efeito positivo. O conhecimento foi o preditor mais relevante explicando 12.39% da variação na memória para o sub-evento negativo. O sexo apenas explicou, neste modelo, 1.28% da variação. Em conjunto as 7 variáveis explicaram em 32.10% a variação na memória para o sub-evento negativo.

Tabela 6

*Sumário da Análise da Regressão Hierárquica para as Variáveis que Predizem a Memória para o Sub-evento Negativo*

Variável	$\beta$	$t$	$p$	$sr^2$	R	$R^2$	$\Delta R^2$	$\Delta F$	$p$ (modelo)
Bloco 1					.38	.15	.15	18.16	.00***
Idade	-.02	-.32	.75	.00					
Sexo	-.39	-5.89	.00***	.14					
Bloco 2					.44	.20	.05	3.34	.01*
Idade	-.03	-.47	.64	.00					
Sexo	-.41	-6.31	.00***	.15					
Intensidade emocional	.01	.09	.93	.00					
Recapitulação	.10	1.35	.18	.00					
Importância	.16	2.19	.03*	.02					
Surpresa	-.05	-.71	.48	.00					
Bloco 3					.57	.32	.12	37.90	.00***
Idade	-.02	-.35	.73	.00					
Sexo	-.15	-1.98	.05*	.01					
Intensidade emocional	.00	.06	.95	.00					
Recapitulação	-.03	-.41	.69	.00					
Importância	.11	1.61	.11	.01					
Surpresa	-.06	-.98	.33	.00					
Conhecimento	.46	6.16	.00***	.12					

Nota: \* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ .  $p < .001$



## Discussão

Este estudo investigou a memória dos cidadãos portugueses para o jogo da final do Campeonato Europeu de Futebol de 2016, em que Portugal se sagrou campeão. Primeiro, analisou-se se a memória *flashbulb* e a memória do evento *flashbulb* são influenciadas pelos mesmos determinantes ou por fatores distintos. Analisaram-se também as semelhanças e diferenças entre dois sub-eventos com valências distintas, i.e., o golo de Éder (valência positiva) e a lesão de Cristiano Ronaldo (valência negativa). Este estudo oferece contribuições importantes para a literatura. Há um número escasso de estudos sobre formação e manutenção de memórias *flashbulb* para eventos elicitadores de emoções positivas. Procurou-se examinar um conjunto alargado de preditores tanto para a memória *flashbulb* como para a memória do evento *flashbulb*. Este estudo é também o primeiro a comparar dois sub-eventos de valências distintas experienciados pelas mesmas pessoas, permitindo explorar o papel da valência emocional na formação e consolidação destas memórias.

Tal como observado noutros estudos sobre memórias *flashbulb*, a presente investigação confirmou que as pessoas conseguem recordar múltiplos detalhes sobre as circunstâncias pessoais em que souberam da vitória de Portugal no Euro 2016 (e.g., Brown e Kulik, 1977; Bohannon, 1988; Conway et al., 1994; Kızılöz & Tekcam, 2013; Tinti et al., 2013). Os participantes evocaram em média 88% da informação pedida, incluindo características canónicas das memórias *flashbulb* tal como, onde estavam, com quem estavam, como se sentiram quando souberam do evento, como os outros se sentiram, o que fizeram a seguir ao jogo, o que fizeram antes do jogo. Também se recordaram de informação específica e idiossincrática como a roupa que tinham vestida durante o jogo de futebol, o que comeram e beberam. Estas memórias *flashbulb* foram reportadas como sendo muito vívidas ( $M = 5.69$ ), corroborando evidências anteriores (Bohannon, 1988; Brown e Kulik, 1977; Gandolphe & El-Haj, 2017; Niedzwienska, 2003a, 2003b; Rubin & Kozin, 1984; Talarico et al., 2004; Thomsen

& Bertsen, 2003). Os participantes apresentaram elevados níveis de confiança ( $M = 6.41$ ) nas suas respostas sobre o contexto de receção da notícia da vitória de Portugal. No entanto, não é possível verificar se essa confiança é fundamentada ou não, na medida em que não é possível saber como é que o evento pessoal decorreu (i.e., não é possível avaliar a precisão da memória *flashbulb*).

Relativamente aos preditores da memória *flashbulb*, verificou-se que esta foi afetada pela idade, recapitulação e intensidade emocional. Especificamente, quanto maior a idade dos participantes, menor a quantidade de informação recordada sobre as circunstâncias em que souberam do evento. Este resultado vai ao encontro de alguns estudos anteriores (e.g., Cohen et al., 1994; Conway et al., 1994; Tekcan & Peynircioglu, 2002). Contudo, é importante ressaltar que a amostra do presente estudo incluiu poucos indivíduos com idade superior a 65 anos (i.e., apenas 6 participantes), o que limita as conclusões que podem ser retiradas sobre o papel da idade na evocação de memórias *flashbulb*. Os participantes que reportaram maior grau de intensidade emocional na vivência do evento, conseguiram responder a um maior número de perguntas sobre a sua memória *flashbulb*. Do mesmo modo, participantes que reportaram maior grau de recapitulação do evento (através de conversas, pensamentos ou notícias vistas sobre a vitória da seleção portuguesa), também evocaram mais detalhes *flashbulb*. Estes resultados são congruentes com a literatura e confirmam que a intensidade emocional e a recapitulação do evento promovem a memória *flashbulb* (e.g., Brown & Kulik, 1977; Hornstein et al., 2003; Pillemer, 1984).

De notar que o conhecimento geral sobre futebol não teve um efeito significativo na memória *flashbulb*, tal como já tinha sido proposto por Tinti e colaboradores (2013). Os resultados informam também sobre o papel da surpresa nas memórias *flashbulb*, uma variável com efeito controverso na literatura (e.g., Brown & Kulik, 1977; Christianson, 1989; Tinti et al., 2013; Curci & Luminet, 2009; Lanciano et al., 2013). A surpresa não teve um efeito

significativo na formação e manutenção das memórias *flashbulb*. Isto significa que um evento não precisa de ser surpreendente ou de atingir um certo limiar de surpresa para se formar uma memória *flashbulb*. Este resultado é consistente com evidências anteriores que indicam a existência de memórias *flashbulb* para eventos expectáveis, como a morte do Presidente Mitterrand (e.g., Curci & Luminet, 2009; Curci et al., 2001), a morte do papa João Paulo II (e.g., Lanciano et al., 2013) e a chegada do homem à lua (Winograd & Killinger, 1983). Por último, este estudo demonstrou que o género dos participantes não teve um peso significativo na memória *flashbulb*. Tanto os homens como as mulheres recordaram-se de uma quantidade idêntica de detalhes relativos às circunstâncias em que souberam da vitória da seleção portuguesa.

Quanto à memória do evento, tal como observado noutros estudos, nomeadamente no estudo de Tinti e colaboradores (2013), a presente investigação confirmou uma baixa precisão da memória para os factos do evento. Em média, os participantes responderam acertadamente a 39% das questões que lhes foram colocadas. Apesar desta baixa precisão, para as respostas que foram dadas, a confiança foi alta ( $M = 4.96$ ).

Relativamente aos preditores da memória do evento, os resultados demonstraram a importância das variáveis demográficas. Especificamente, os homens apresentaram uma maior precisão da memória do evento comparativamente às mulheres. Este resultado pode ser explicado pelo maior interesse que o sexo masculino geralmente apresenta sobre futebol, interesse esse que é um preditor direto do conhecimento (tal como sugerido por Tinti et al., 2013). Quanto à idade, participantes mais jovens acertaram um maior número de questões para os factos do evento. O nosso estudo demonstra assim um efeito contrário ao reportado por Berntsen e Thomsen (2005) sobre as memórias dos participantes para os factos relacionados com a ocupação e libertação da Dinamarca na segunda guerra mundial. No entanto, deve salientar-se que no estudo de Berntsen e Thomsen (2005) os participantes mais novos não

tinham vivenciado o evento, o que pode explicar o seu menor conhecimento e recordação. No presente estudo, todos os participantes, independentemente da idade, vivenciaram a vitória de Portugal no campeonato europeu de 2016. Além disso, os resultados aqui encontrados são consistentes com inúmeros estudos que demonstram que a idade afeta negativamente a memória episódica (e.g., Naveh-Benjamin, Hussain, Guez & Bar-On, 2003; Cohen et al., 1994; Nyberg, Bäckman, Erngrund, Olofsson & Nilsson, 1996).

Para além da idade e do sexo, a recapitulação apresentou também um efeito significativo. Este preditor tinha já sido identificado noutros estudos como um preditor da memória para os factos do evento (e.g., Hirst et al., 2009; Shapiro, 2006; Tinti et al., 2013). Eventos desportivos, como o Campeonato da Europa, são eventos muito antecipados e com grande cobertura pelos *media* tanto antes como após o evento, sendo comum as pessoas verem e procurarem notícias sobre os jogos. A recapitulação para além de permitir manter os factos do evento ativos na memória permite também corrigir eventuais erros e distorções, o que explica a relação positiva entre a recapitulação e a memória do evento. Contudo, quando se considera a variável conhecimento, esta passa a ser a única variável significativa para além da idade. Este resultado apoia a hipótese de que o conhecimento aumenta a precisão da memória do evento. Assim, quanto maior é o conhecimento geral da pessoa sobre futebol e sobre o campeonato europeu, maior a capacidade de se recordar corretamente dos factos específicos ocorridos durante o jogo. Note-se que o conhecimento teve um peso muito grande na memória do evento, mas não foi significativo para a memória *flashbulb*. Já a intensidade emocional e a recapitulação tiveram uma influência significativa na memória *flashbulb*, mas o seu efeito não foi significativo na memória do evento (quando estes determinantes são comparados com o conhecimento). Estes resultados sugerem que os dois tipos de memória são determinados por fatores distintos.

Outra questão a que o presente estudo pretendeu dar resposta prende-se com as semelhanças e diferenças entre a memória para um evento positivo e para um evento negativo. Estudos anteriores, apesar de não compararem dois eventos de valências distintas para o mesmo grupo de pessoas, mostraram que pessoas que classificam o evento como negativo apresentam uma maior precisão da memória para os factos do evento (Bohn & Berntsen, 2007). Deste modo, hipotetizou-se que os participantes iriam apresentar memórias mais precisas para os factos associados à lesão de Cristiano Ronaldo, comparativamente ao golo de Éder. No entanto, não se verificaram diferenças na precisão entre ambos os tipos de memória. Aliás, os participantes responderam corretamente a um baixo número de questões (26% para o sub-evento positivo e 28% para o sub-evento negativo), não se recordando com precisão dos factos específicos de nenhum dos sub-eventos.

Relativamente aos determinantes que explicam a memória do sub-evento positivo, verificou-se o papel da idade e do sexo, sendo que os participantes mais jovens e do sexo masculino apresentaram uma precisão mais elevada nas suas respostas sobre o golo de Éder. Das variáveis *flashbulb*, a recapitulação revelou ter também um efeito significativo. Deste modo, a frequência com que as pessoas pensaram, conversaram ou viram as notícias sobre a vitória de Portugal contribuiu para a sua memória dos factos associados ao golo. No entanto, ao se adicionar o grau de conhecimento dos participantes sobre futebol, a recapitulação deixou de ser significativa e apenas o conhecimento, a idade e o sexo explicaram a variabilidade encontrada. Por sua vez, para o sub-evento negativo, das variáveis demográficas apenas o sexo emergiu como variável significativa, sendo que participantes do sexo masculino apresentaram maior exatidão na recordação sobre a lesão de Cristiano Ronaldo. Quando se acrescentaram as variáveis *flashbulb*, a importância atribuída ao jogo passou a ser também um preditor relevante, demonstrando uma relação positiva com a memória deste sub-evento. Por fim, quando se

adicionou a variável conhecimento, esta e a variável sexo mantiveram-se como as únicas significativas.

Estes resultados sugerem que as memórias para sub-eventos positivos e negativos partilham alguns determinantes, mas distinguem-se noutros. O sexo e o conhecimento geral dos participantes sobre futebol influenciaram a memória para ambos os tipos de eventos. Contudo, quando o conhecimento não foi considerado, emergiram diferenças entre os dois sub-eventos relativamente ao impacto dos preditores *flashbulb*. Enquanto a recapitulação previu a precisão da memória do evento positivo, a importância determinou a do evento negativo. Uma possível explicação para este resultado pode ser o facto de que após o evento as pessoas falaram muito frequentemente sobre o golo de Éder com amigos e familiares. Além disso, o golo teve uma grande cobertura por parte dos *media* na televisão, com o momento do golo a ser repetido muitas vezes nos canais televisivos nacionais. Quanto à lesão de Cristiano Ronaldo, é possível que apenas as pessoas mais interessadas no jogo e no campeonato europeu, que dão mais importância ao futebol, se lembrem em maior detalhe das várias fases do jogo e por conseguinte se recordem com maior sucesso deste sub-evento.

Em suma, a memória *flashbulb* para a vitória de Portugal no Campeonato Europeu de 2016 foi influenciada pela idade dos participantes, pela frequência com que falaram, conversaram e viram notícias sobre o evento e pela intensidade das emoções sentidas. Por sua vez, a memória do evento apresentou determinantes distintos: a idade e o conhecimento geral sobre futebol. No que se refere à valência do evento, verificou-se que, por um lado, as características demográficas e o conhecimento geral sobre futebol determinaram a precisão quer do sub-evento positivo quer do negativo. Focando nos preditores *flashbulb*, encontrou-se uma diferença interessante: a recapitulação previu a precisão da memória para o sub-evento positivo, enquanto a importância atribuída ao jogo explicou a variação na memória para o sub-evento negativo.

## **Limitações do Presente Estudo e Questões em Aberto**

Uma das limitações do presente estudo prende-se com a amostra que deveria ser mais representativa da população portuguesa. Em primeiro lugar, seria necessária a participação de um maior número de pessoas com idades mais avançadas (i.e., mais de 65 anos) com a finalidade de se poderem retirar conclusões mais robustas sobre o papel da idade na memória *flashbulb* e na memória do evento. Além disso, não foram avaliadas certas características demográficas como a área de residência, dado que a maioria dos participantes residia na área metropolitana de Lisboa. Em segundo lugar, também não se tirou partido da questão colocada aos participantes sobre serem ou não adeptos de um clube de futebol. De notar que a pertença a um clube se correlaciona com quase todos os fatores aqui estudados, incluindo o conhecimento, a recapitulação e a intensidade emocional. Além disso, a maioria dos participantes indicou ser adepto de um clube, pelo que não foi possível comparar diretamente pessoas com e sem clube. Ainda assim, seria relevante perceber se a pertença a um determinado clube origina ou não um maior interesse pela seleção, devido ao número de jogadores da seleção que jogam nesse clube. Muitos jogadores da seleção nacional eram na altura jogadores do Sporting Clube de Portugal ou já o tinham sido anteriormente nas suas carreiras profissionais. Dada a prevalência de jogadores deste clube, seria interessante perceber se os adeptos deste clube apresentarão maior interesse pelos jogos da seleção nacional do que os adeptos dos restantes clubes. Esta questão poderá ser explorada futuramente.

A proporção de respostas corretas às perguntas sobre o evento e os sub-eventos foi surpreendentemente baixa. Uma possível explicação é que, ainda que se tenham realizado perguntas com diferentes graus de dificuldade (fácil, médio, difícil) e estas tenham sido previamente testadas num outro grupo de participantes para garantir os diferentes níveis de dificuldade, é possível que, mesmo assim, tenham sido colocadas questões muito específicas e

difíceis sobre os factos do evento e sub-eventos (e.g., “Que jogador da seleção francesa disputou a bola com o Éder quando este recebeu o passe?”; “De que modo Éder festejou o golo marcado?”, “Em que minuto do jogo aconteceu o lance que originou a lesão?”, “Quantos cartões amarelos foram mostrados aos jogadores da seleção portuguesa até ao final do jogo?”), e que a baixa precisão seja uma consequência dessa dificuldade. Além disso, as perguntas que permitiram obter uma medida do conhecimento da pessoa sobre futebol podem ter sido também demasiado difíceis (e.g., “Que seleção/seleções ganhou/ganharam maior número de campeonatos europeus?”). Apesar desta possibilidade, é importante ressaltar que a precisão da memória do evento apresenta níveis semelhantes à do estudo de Tinti e colaboradores (2013). Neste estudo os participantes acertaram em média 40,33%. Isto sugere que apesar da memória *flashbulb* para as circunstâncias da receção se manter vívida em memória, a recordação dos factos do evento declina rapidamente.

Todos os preditores considerados (conhecimento, importância, surpresa, recapitulação, intensidade emocional) são uma boa representação dos fatores que têm sido associados na literatura à formação e manutenção de uma memória *flashbulb*. Um estudo anterior focou ainda a relevância do laço social que, no nosso estudo, se refere à ligação que os portugueses sentem à seleção enquanto representante do país e da comunidade. Evidências anteriores apontam para um papel do laço social na formação da memória *flashbulb* (e.g. Day & Ross, 2014). No entanto, as memórias *flashbulb* podem ocorrer para figuras com as quais não se tenha qualquer tipo de ligação social (Day & Ross, 2014). Não existem estudos suficientes que explorem este preditor e a sua relação com a memória *flashbulb*, uma questão que deve ser explorada futuramente.

Alguns estudos têm proposto que a construção de memórias *flashbulb* se assemelha à construção de narrativas (Nelson & Fivush, 2004, 2019; Wang, 2016). As memórias autobiográficas são usualmente recordadas como histórias, sendo que a estrutura do discurso



afeta a estrutura da recordação (Rubin, 1986). Nelson e Fivush (2019) postulam que as narrativas linguísticas são uma ferramenta cultural crítica para a formação da consciência autobiográfica. Nesta perspetiva, uma narrativa fornece uma organização coerente para as experiências de vida (Nelson & Fivush, 2019). Uma narrativa permite fazer sentido da ação humana através de intenções, motivações e emoções que levam a uma história com consequências emocionais e sociais (Bruner, 1991), como é o caso de um evento público consequential originador de uma memória *flashbulb*. Além disso, uma narrativa possui factos que podem não ser necessariamente verdadeiros, mas que aumentam o potencial da história, tal como numa memória *flashbulb* (Bruner, 1986, citado em Greenberg, 2004). Numa narrativa é comum o leitor interessar-se, identificar-se e torcer por uma personagem, o que o leva a envolver-se na história (Kobré, 2000). Em muitas narrativas a personagem sofre um incidente, mas no final revela-se como herói sendo o final da história positivo. O caso do jogo da final parece ser paradigmático de uma destas narrativas. Será que os adeptos portugueses dão mais valor à vitória por ter ocorrido um evento negativo durante o decurso do jogo (saída de Cristiano Ronaldo, em lágrimas, devido à lesão) e no final ter surgido um “herói” (até aí considerado por muitos como um “patinho feio”) que deu a reviravolta ao jogo? É possível especular que as pessoas vivenciem a memória *flashbulb* como uma história e que uma determinada estrutura tenha um maior impacto na pessoa. Esta questão poderá ser explorada em estudos posteriores.

### **Proposta de Estudos Futuros**

Propõem-se aqui dois estudos de *follow-up* que têm como objetivos responder a questões que emergem diretamente do presente estudo, nomeadamente sobre a consistência da memória *flashbulb* e da memória do evento *flashbulb* ao longo do tempo (Estudo 1) e sobre a memória coletiva, dada a natureza social dos eventos *flashbulb* (Estudo 2).

### **Estudo 1: Consistência das memórias *flashbulb*.**

Este estudo pretende complementar os resultados da investigação realizada, averiguando uma característica da memória *flashbulb* e da memória do evento *flashbulb* bastante estudada na literatura: a consistência das memórias ao longo do tempo. Estudos anteriores apontam para um declínio na consistência dos detalhes evocados ao longo do tempo (e.g., Christianson, 1989). No entanto, a partir de determinado momento o nível de inconsistência parece manter-se estável para a memória *flashbulb* (Hirst et al., 2009, 2015). Quanto à memória do evento, as inconsistências tendem a ser corrigidas, o que pode ser fruto da recapitulação da informação, em particular das conversas com outras pessoas e da exposição a informação através dos meios de comunicação (Hirst et al., 2015). Avaliar a consistência das memórias *flashbulb* é especialmente importante, uma vez que o investigador não tem acesso ao momento da formação destas memórias e como tal não pode saber se os detalhes evocados correspondem ou não à realidade. A consistência reflete assim uma medida indireta da precisão das recordações.

Os participantes do presente estudo serão contactados através do e-mail fornecido pelos próprios participantes. De notar que todos os participantes indicaram no questionário se pretendiam ou não voltar a ser contactados para um potencial estudo futuro, pelo que só serão contactados aqueles que responderam afirmativamente. O mesmo questionário será aplicado 4 anos após o evento (aproximadamente 2 anos depois do primeiro questionário). Os participantes serão informados da confidencialidade dos dados. Será também fornecida uma breve explicação sobre os objetivos do estudo. As perguntas do questionário serão as mesmas das do presente estudo, i.e., sobre dados demográficos, memórias pessoais e do evento, conhecimento sobre futebol e outros fatores relevantes (emoções sentidas, grau de surpresa, frequência da recapitulação, etc.). Serão conduzidas análises estatísticas idênticas às realizadas

no presente estudo. Adicionalmente, será analisada a consistência das respostas entre os dois questionários. Para isso, planeia-se recorrer a dois juízes independentes que classificam as respostas de cada participante como idênticas ou diferentes nos dois questionários.

Espera-se que quatro anos após o evento, os participantes apresentem um declínio da memória *flashbulb* e da memória do evento relativamente ao primeiro momento do estudo. Este declínio consiste num decréscimo no número total de detalhes evocados. Prevê-se também que a resposta dada a algumas perguntas seja diferente da dada no primeiro questionário, o que seria indicativo de erros ou distorções das memórias. Espera-se que a recapitulação influencie a memória do evento, sendo que participantes com maiores níveis de recapitulação devem apresentar menos erros na sua memória para os factos do evento.

## **Estudo 2: Memória coletiva para eventos *flashbulb*.**

A memória coletiva pode ser considerada como a memória que é socialmente partilhada num grupo e que é importante para a identidade social dos membros desse grupo (Bavassi, Kaczer & Fernández, 2018; Kopietz & Echterhoff, 2014; Manier & Hirst, 2008). Da mesma maneira que as memórias autobiográficas são individuais e assentam na identidade de um indivíduo, as memórias coletivas são memórias dos membros de uma comunidade e assentam na identidade coletiva dessa mesma comunidade (Manier & Hirst, 2008). Por conseguinte, a memória episódica coletiva refere-se à recordação de um episódio, em que os membros de um grupo experienciaram juntos o evento (Manier & Hirst, 2008). Tomando partido do facto de muitos portugueses terem assistido em grupo ao jogo da final (com familiares e amigos), o presente estudo pretende explorar como as pessoas que assistiram em grupo ao jogo da final recordam esse evento. Pretende-se também averiguar se o sentimento de memória partilhada influencia a confiança nas memórias e a identificação com Portugal (i.e., o sentimento de pertença e ligação ao país).

Os participantes serão contactados via e-mail e ser-lhes-á pedido para referenciarem as pessoas com quem viram o jogo (no caso de o terem visto acompanhado). Essas pessoas serão contactadas e convidadas a participar no estudo. Após o consentimento informado, será disponibilizado através da plataforma Qualtrics (Qualtrics, Provo, UT) o questionário a realizar, o qual irá focar apenas a memória *flashbulb*. O questionário será também passado novamente aos participantes do estudo atual, de modo a que as respostas do grupo sejam recolhidas o mesmo tempo após o jogo da final.

Uma vez que a literatura tem mostrado que as memórias *flashbulb* estão sujeitas a erros (Curci & Luminet, 2006; Curci et al., 2001; Greenberg, 2004; Neisser & Harsch, 1992; Talarico & Rubin, 2003), espera-se encontrar diferenças na memória *flashbulb* dos participantes que viram juntos o jogo, sobretudo para detalhes idiossincráticos (e.g., o que comeram durante o jogo), pois estão menos sujeitos a recapitulação e correção. Espera-se que a confiança nas respostas e a identificação com Portugal seja mediada pela perceção de partilha, à semelhança de evidências anteriores (Kopietz & Echterhoff, 2014).

## **Conclusão**

Investigou-se a memória dos portugueses para a vitória de Portugal no Euro 2016, dois anos após esse evento. Os resultados sublinham o papel da intensidade emocional e da recapitulação na memória *flashbulb* e do conhecimento geral sobre futebol na memória do evento *flashbulb*. Estes dados indicam que os dois tipos de memória têm determinantes distintos e como tal são, pelo menos em parte, processos cognitivos independentes. Compararam-se também dois sub-eventos, um de valência positiva e outro de valência negativa. A precisão da memória para ambos os sub-eventos foi determinada pelo conhecimento geral sobre futebol. Contudo, enquanto a memória do sub-evento positivo (golo

de Éder) foi modulada pelo grau de recapitulação, a memória do sub-evento negativo (lesão de Cristiano Ronaldo) foi influenciada pela importância atribuída ao jogo.

Dada a escassez de estudos sobre memórias *flashbulb* para eventos positivos, este estudo revela-se como particularmente relevante, confirmando que é possível formar memórias *flashbulb* para eventos positivos. À semelhança do que acontece para eventos de valência negativa, a memória *flashbulb* e a memória do evento positivo que desencadeia a memória *flashbulb* são influenciadas por fatores distintos. Investigação futura deverá contemplar a avaliação da consistência destas memórias ao longo do tempo, de modo a esclarecer se memórias *flashbulb* para eventos positivos estão sujeitas a erros e distorções, apesar de serem acompanhadas de elevados níveis de confiança, tal como a literatura tem indicado no caso de acontecimentos negativos. Esta investigação constitui também um passo inicial para explorar como é que as memórias *flashbulb* positivas contribuem para a memória coletiva e para o fortalecimento de laços sociais e comunitários.

## Referências Bibliográficas

- Bavassi, L., Kaczer, L., & Fernández, R. S. (2018). Maradona in our minds: Memory for the FIFA World Cup reveals common effects between individual and collective memories. doi:10.31234/osf.io/ma9rt
- Berntsen, D. (2002). Tunnel memories for autobiographical events: Central details are remembered more frequently from shocking than from happy experiences. *Memory & Cognition*, 30(7), 1010-1020. doi:10.3758/BF03194319
- Berntsen, D. (2009). Flashbulb memory and social identity. In O. Luminet & A. Curci (Eds.), *Flashbulb memories: New issues and new perspectives* (pp. 187-205). New York, NY, US: Psychology Press.
- Berntsen, D., & Thomsen, D. K. (2005). Personal memories for remote historical events: accuracy and clarity of flashbulb memories related to World War II. *Journal of Experimental Psychology: General*, 134(2), 242-257. doi:10.1037/0096-3445.134.2.242
- Bohannon III, J. N. (1988). Flashbulb memories for the space shuttle disaster: A tale of two theories. *Cognition*, 29(2), 179-196. doi:10.1016/0010-0277(88)90036-4
- Bohannon III, J. N., & Symons, V. L. (1992). Flashbulb memories: Confidence, consistency, and quantity. In E. Winograd & U. Neisser (Eds.), *Emory symposia in cognition, 4. Affect and accuracy in recall: Studies of "flashbulb" memories* (pp. 65-91). New York, NY, US: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511664069.005
- Bohn, A., & Berntsen, D. (2007). Pleasantness bias in flashbulb memories: Positive and negative flashbulb memories of the fall of the Berlin Wall among East and West Germans. *Memory & Cognition*, 35(3), 565-577. doi:10.3758/BF03193295

- Bowerman, B. L., & O'Connell, R. T. (1990). *Linear statistical models: An applied approach* (2<sup>a</sup>ed.). Belmont, CA: Duxbury Press.
- Brown, R., & Kulik, J. (1977). Flashbulb memories. *Cognition*, 5(1), 73-99. doi:10.1016/0010-0277(77)90018-X
- Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18(1), 1–21. Retirado de: [https://www.jstor.org/stable/1343711?seq=1&cid=pdf-reference#references\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/1343711?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents)
- Budson, A. E., Simons, J. S., Waring, J. D., Sullivan, A. L., Hussoin, T., & Schacter, D. L. (2007). Memory for the September 11, 2001, terrorist attacks one year later in patients with Alzheimer's disease, patients with mild cognitive impairment, and healthy older adults. *Cortex*, 43(7), 875-888. doi:10.1016/S0010-9452(08)70687-7
- Christianson, S. A. (1989). Flashbulb memories: Special, but not so special. *Memory & Cognition*, 17(4), 435-443. doi:10.3758/BF03202615
- Cohen, G., Conway, M. A., & Maylor, E. A. (1994). Flashbulb memories in older adults. *Psychology and Aging*, 9(3), 454. doi:10.1037/0882-7974.9.3.454
- Conway, M. A. (1996). Autobiographical memory. In E. L. Bjork & R. A. Bjork (2<sup>a</sup> ed.), *Memory* (pp. 165-194). San Diego, California: Academic Press.
- Conway, M. A., Anderson, S. J., Larsen, S. F., Donnelly, C. M., McDaniel, M. A., McClelland, A. G., ... & Logie, R. H. (1994). The formation of flashbulb memories. *Memory & Cognition*, 22(3), 326-343. doi:10.3758/BF03200860
- Conway, A. R., Skitka, L. J., Hemmerich, J. A., & Kershaw, T. C. (2008). Flashbulb memory for 11 September 2001. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 23(5), 605-623. doi:10.1002/acp.1497

- Curci, A., Lanciano, T., Maddalena, C., Mastandrea, S., & Sartori, G. (2015). Flashbulb memories of the Pope's resignation: Explicit and implicit measures across differing religious groups. *Memory*, 23(4), 529-544. doi:10.1080/09658211.2014.908923
- Curci, A., & Luminet, O. (2006). Follow-up of a cross-national comparison on flashbulb and event memory for the September 11th attacks. *Memory*, 14(3), 329-344. doi:10.1080/09658210500340816
- Curci, A., & Luminet, O. (2009). Flashbulb memories for expected events: a test of the emotional-integrative model. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 23(1), 98-114. doi:10.1002/acp.1444
- Curci, A., Luminet, O., Finkenauer, C., & Gisle, L. (2001). Flashbulb memories in social groups: A comparative test-retest study of the memory of French President Mitterrand's death in a French and a Belgian group. *Memory*, 9(2), 81-101. doi:10.1080/09658210042000120
- Davidson, P. S., Cook, S. P., & Glisky, E. L. (2006). Flashbulb memories for September 11th can be preserved in older adults. *Aging, Neuropsychology, and Cognition*, 13(2), 196-206. doi:10.1080/13825580490904192
- Davidson, P. S., & Glisky, E. L. (2002). Is flashbulb memory a special instance of source memory? Evidence from older adults. *Memory*, 10(2), 99-111. doi:10.1080/09658210143000227
- Day, M. V., & Ross, M. (2014). Predicting confidence in flashbulb memories. *Memory*, 22(3), 232-242. doi:10.1080/09658211.2013.778290
- El Haj, M., Gandolphe, M. C., Wawrziczny, E., & Antoine, P. (2016). Flashbulb memories of Paris attacks: Recall of these events and subjective reliving of these memories in a case with Alzheimer disease. *Medicine*, 95(46). doi:10.1111/sjop.12364



- Er, N. (2003). A new flashbulb memory model applied to the Marmara earthquake. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 17(5), 503-517. doi:10.1002/acp.870
- Finkenauer, C., Luminet, O., Gisle, L., El-Ahmadi, A., Van Der Linden, M., & Philippot, P. (1998). Flashbulb memories and the underlying mechanisms of their formation: Toward an emotional-integrative model. *Memory & Cognition*, 26(3), 516-531. doi:10.3758/BF03201160
- Gandolphe, M. C., & El Haj, M. (2016). Flashbulb memories of the Charlie Hebdo attack. *Journal of Psychology and Cognition*, 1(1), 20-28. Retirado de: <https://pdfs.semanticscholar.org/424c/089c869f0b8959eb81d6193e6f09b0cd3ac9.pdf>
- Gandolphe, M. C., & El Haj, M. (2017). Flashbulb memories of the Paris attacks. *Scandinavian Journal of Psychology*, 58(3), 199-204. doi:10.1111/sjop.12364
- Greenberg, D. L. (2004). President Bush's false [flashbulb] memory of 9/11/01. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 18(3), 363-370. doi:10.1002/acp.1016
- Hirst, W., & Phelps, E. A. (2016). Flashbulb memories. *Current Directions in Psychological Science*, 25(1), 36-41. doi:10.1177/0963721415622487
- Hirst, W., Phelps, E. A., Buckner, R. L., Budson, A. E., Cuc, A., Gabrieli, J. D., ... & Meksin, R. (2009). Long-term memory for the terrorist attack of September 11: Flashbulb memories, event memories, and the factors that influence their retention. *Journal of Experimental Psychology: General*, 138(2), 161-176. doi:10.1037/a0015527
- Hirst, W., Phelps, E. A., Meksin, R., Vaidya, C. J., Johnson, M. K., Mitchell, K. J., ... & Mather, M. (2015). A ten-year follow-up of a study of memory for the attack of September 11, 2001:

Flashbulb memories and memories for flashbulb events. *Journal of Experimental Psychology: General*, 144(3), 604-623. doi:10.1037/xge0000055

Hornstein, S., Brown, A., & Mulligan, N. (2003). Long-term flashbulb memory for learning of Princess Diana's death. *Memory*, 11(3), 293-306. doi:10.1080/09658210244000063

Kensinger, E. A. (2009). Remembering the details: Effects of emotion. *Emotion Review*, 1(2), 99-113. doi:10.1177%2F1754073908100432

Kensinger, E. A., Garoff-Eaton, R. J., & Schacter, D. L. (2006). Memory for specific visual details can be enhanced by negative arousing content. *Journal of Memory and Language*, 54(1), 99-112. doi:10.1016/j.jml.2005.05.005

Kensinger, E. A., & Schacter, D. L. (2006). When the Red Sox shocked the Yankees: Comparing negative and positive memories. *Psychonomic Bulletin & Review*, 13(5), 757-763. doi:10.3758/BF03193993

Kızılöz, B. K., & Tekcan, A. I. (2013). Canonical categories in flashbulb memories. *Applied Cognitive Psychology*, 27(3), 352-359. doi:10.1002/acp.2913

Kobré, K. (2000). Positive/Negative: Narrative storytelling. *Visual Communication Quarterly*, 55, 12-13. doi:10.1080/15551390009363424

Kopietz, R., & Echterhoff, G. (2014). Remembering the 2006 Football World Cup in Germany: Epistemic and social consequences of perceived memory sharedness. *Memory Studies*, 7(3), 298-313. doi:10.1177%2F1750698014530620

Koppel, J., Brown, A. D., Stone, C. B., Coman, A., & Hirst, W. (2013). Remembering President Barack Obama's inauguration and the landing of US Airways Flight 1549: A comparison of the predictors of autobiographical and event memory. *Memory*, 21(7), 798-806. doi:10.1080/09658211.2012.756040

- Kvavilashvili, L., Mirani, J., Schlagman, S., Foley, K., & Kornbrot, D. E. (2009). Consistency of flashbulb memories of September 11 over long delays: Implications for consolidation and wrong time slice hypotheses. *Journal of Memory and Language*, 61(4), 556-572. doi:10.1016/j.jml.2009.07.004
- Kvavilashvili, L., Mirani, J., Schlagman, S., & Kornbrot, D. E. (2003). Comparing flashbulb memories of September 11 and the death of Princess Diana: Effects of time delays and nationality. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 17(9), 1017-1031. doi:10.1002/acp.983
- Lanciano, T., Curci, A., & Soleti, E. (2013). "I knew it would happen... And I Remember It!": The flashbulb memory for the death of Pope John Paul II. *Europe's Journal of Psychology*, 9(2), 220-230. doi:10.5964/ejop.v9i2.521
- Larsen, S. F. (1992). Personal context in autobiographical and narrative memories. In M. A. Conway, D. C. Rubin, H. Spinnler, & W.A Wagenaar (Eds.), *Theoretical perspectives on autobiographical memory* (pp. 53-71). Springer, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. doi:10.1007/978-94-015-7967-4\_4
- Luminet, O., & Curci, A. (Eds.). (2008). *Flashbulb memories: New issues and new perspectives*. New York, NY, US: Psychology Press.
- Luminet, O., Curci, A., Marsh, E. J., Wessel, I., Constantin, T., Gencoz, F., & Yogo, M. (2004). The cognitive, emotional, and social impacts of the September 11 attacks: Group differences in memory for the reception context and the determinants of flashbulb memory. *The Journal of General Psychology*, 131(3), 197-224. doi:10.3200/GENP.131.3.197-224
- Manier, D. & Hirst, W. (2008) A cognitive taxonomy of collective memories. In A. Erll & A. Nünning (Eds.), *Cultural memory studies: An international and interdisciplinary handbook* (pp. 253–262). Berlin: De Gruyter

- Matlin, M. W., & Stang, D. J. (1978). The pollyanna principle: Selectivity in languages. *Memory and Thought*. Cambridge, MA: Shenkman.
- Menard, S. (1995). *Applied logistic regression analysis* (pp. 7-106). Thousand Oaks, CA: Sage
- Myers, R. (1990). *Classical and modern regression with applications* (2<sup>a</sup>ed.). Boston: Duxbury.
- Naveh-Benjamin, M., Hussain, Z., Guez, J., & Bar-On, M. (2003). Adult age differences in episodic memory: Further support for an associative-deficit hypothesis. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 29(5), 826. doi:10.1037/0278-7393.29.5.826
- Neisser, U., & Harsch, N. (1992). Phantom flashbulbs: False recollections of hearing the news about Challenger. In E. Winograd & U. Neisser (Eds.), *Emory symposia in cognition, 4. Affect and accuracy in recall: Studies of "flashbulb" memories* (pp. 9-31). New York, NY, US: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511664069.003
- Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: A social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 111(2), 486. doi:10.1037/0033-295X.111.2.486
- Nelson, K., & Fivush, R. (2019). The development of autobiographical memory, autobiographical narratives, and autobiographical consciousness. *Psychological Reports*, 0(0), 1-26. doi:10.1177/0033294119852574
- Niedźwieńska, A. (2003). Gender differences in vivid memories. *Sex Roles*, 49(7-8), 321-331. doi:10.1023/A:1025156019547
- Niedźwieńska, A. (2003). Misleading postevent information and flashbulb memories. *Memory*, 11(6), 549-558. doi:10.1080/09658210244000252
- Nyberg, L., Bäckman, L., Erngrund, K., Olofsson, U., & Nilsson, L. G. (1996). Age differences in episodic memory, semantic memory, and priming: Relationships to demographic, intellectual,

- and biological factors. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 51(4), P234-P240. doi:10.1093/geronb/51B.4.P234
- Paradis, C. M., Florer, F., Solomon, L. Z., & Thompson, T. (2004). Flashbulb memories of personal events of 9/11 and the day after for a sample of New York City residents. *Psychological Reports*, 95(1), 304-310. doi:10.2466%2Fpro.95.1.304-310
- Pezdek, K. (2003). Event memory and autobiographical memory for the events of September 11, 2001. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 17(9), 1033-1045. doi:10.1002/acp.984
- Pillemer, D. B. (1984). Flashbulb memories of the assassination attempt on President Reagan. *Cognition*, 16(1), 63-80. doi:10.1016/0010-0277(84)90036-2
- Pillemer, D. (2003). Directive functions of autobiographical memory: The guiding power of the specific episode. *Memory*, 11(2), 193-202. doi:10.1080/741938208
- Qin, J., Mitchell, K. J., Johnson, M. K., Krystal, J. H., Southwick, S. M., Rasmusson, A. M., & Allen, E. S. (2003). Reactions to and memories for the September 11, 2001 terrorist attacks in adults with posttraumatic stress disorder. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 17(9), 1081-1097. doi:10.1002/acp.987
- Robinson, J. A. (1986). Autobiographical memory: A historical prologue. In D. C. Rubin (1<sup>a</sup> ed.), *Autobiographical memory*, (pp. 19-24). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rubin, D.C. (1986). Introduction. In D. C. Rubin (1<sup>a</sup> ed.), *Autobiographical memory*, (pp. 3-16). Cambridge: Cambridge University Press

- Rubin, D. C., & Berntsen, D. (2003). Life scripts help to maintain autobiographical memories of highly positive, but not highly negative, events. *Memory & Cognition*, 31(1), 1-14. doi:10.3758/BF03194319
- Rubin, D. C., & Kozin, M. (1984). Vivid memories. *Cognition*, 16(1), 81-95. doi:10.1016/0010-0277(84)90037-4
- Schmidt, S. R. (2004). Autobiographical memories for the September 11th attacks: Reconstructive errors and emotional impairment of memory. *Memory & Cognition*, 32(3), 443-454. doi:10.3758/BF03195837
- Schmolck, H., Buffalo, E. A., & Squire, L. R. (2000). Memory distortions develop over time: Recollections of the OJ Simpson trial verdict after 15 and 32 months. *Psychological Science*, 11(1), 39-45. doi:10.1111%2F1467-9280.00212
- Shapiro, L. (2006). Remembering September 11th: The role of retention interval and rehearsal on flashbulb and event memory. *Memory*, 14(2), 129-147. doi:10.1080/09658210544000006
- Sharot, T., Martorella, E. A., Delgado, M. R., & Phelps, E. A. (2007). How personal experience modulates the neural circuitry of memories of September 11. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 104(1), 389-394. doi:10.1073/pnas.0609230103
- Smith, M. C., Bibi, U., & Sheard, D. E. (2003). Evidence for the differential impact of time and emotion on personal and event memories for September 11, 2001. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 17(9), 1047-1055. doi:10.1002/acp.981
- Talarico, J. M., Berntsen, D., & Rubin, D. C. (2009). Positive emotions enhance recall of peripheral details. *Cognition and Emotion*, 23(2), 380-398. doi:10.1080/02699930801993999

- Talarico, J. M., LaBar, K. S., & Rubin, D. C. (2004). Emotional intensity predicts autobiographical memory experience. *Memory & Cognition*, 32(7), 1118-1132. doi:10.3758/BF03196886
- Talarico, J. M., & Moore, K. M. (2012). Memories of 'The Rivalry': Differences in how fans of the winning and losing teams remember the same game. *Applied Cognitive Psychology*, 26(5), 746-756. doi:10.1002/acp.2855
- Talarico, J. M., & Rubin, D. C. (2003). Confidence, not consistency, characterizes flashbulb memories. *Psychological Science*, 14(5), 455-461. doi:10.1111%2F1467-9280.02453
- Talarico, J. M., & Rubin, D. C. (2009). Flashbulb memories result from ordinary memory processes and extraordinary event characteristics. In Luminet O. & Curci A. (Eds.) *Flashbulb memories: New issues and new perspectives*, (pp. 79-97). New York, NY, US: Psychology Press.
- Tekcan, A. İ. (2001). Flashbulb memories for a negative and a positive event: News of Desert Storm and acceptance to college. *Psychological Reports*, 88(2), 323-331. doi:10.2466%2Fpr0.2001.88.2.323
- Tekcan, A. İ., Ece, B., Gülgöz, S., & Er, N. (2003). Autobiographical and event memory for 9/11: Changes across one year. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 17(9), 1057-1066. doi:10.1002/acp.985
- Tekcan, A. İ., & Peynircioğlu, Z. F. (2002). Effects of age on flashbulb memories. *Psychology and Aging*, 17(3), 416-422. doi:10.1037/0882-7974.17.3.416
- Thomsen, D. K., & Berntsen, D. (2003). Snapshots from therapy: Exploring operationalisations and ways of studying flashbulb memories for private events. *Memory*, 11(6), 559-570. doi:10.1080/09658210244000261
- Tinti, C., Schmidt, S., Sotgiu, I., Testa, S., & Curci, A. (2009). The role of importance/consequentiality appraisal in flashbulb memory formation: The case of the death of Pope John Paul II. *Applied*

*Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 23(2), 236-253. doi:10.1002/acp.1452

Tinti, C., Schmidt, S., Testa, S., & Levine, L. J. (2013). Distinct processes shape flashbulb and event memories. *Memory & Cognition*, 42(4), 539-551. doi:10.3758/s13421-013-0383-9

Tulving, E. (1972). Episodic and semantic memory. In E. Tulving & W. Donaldson, *Organization of memory*, (pp. 381-403). New York, NY: Academic Press

Wang, Q. (2016). Remembering the self in cultural contexts: A cultural dynamic theory of autobiographical memory. *Memory Studies*, 9(3), 295-304. doi:10.1177/1750698016645238

Weaver, C. A. (1993). Do you need a "flash" to form a flashbulb memory?. *Journal of Experimental Psychology: General*, 122(1), 39. doi:10.1037/0096-3445.122.1.39

Weaver III, C. A., & Krug, K. S. (2004). Consolidation-like effects in flashbulb memories: Evidence from September 11, 2001. *The American Journal of Psychology*, 117(4) 517-530. doi:10.2307/4148989

Winograd, E., & Killinger, W. A. Jr. (1983). Relating age at encoding in childhood to adult recall: Development of flashbulb memories. *Journal of Experimental Psychology: General*, 112(3), 413-422. doi: 10.1037/0096-3445.112.3.413

Wright, D. B. (1993). Recall of the Hillsborough disaster over time: Systematic biases of 'flashbulb' memories. *Applied Cognitive Psychology*, 7(2), 129-138. doi:10.1002/acp.2350070205

Wright, D. B., Gaskell, G. D., & O'Muircheartaigh, C. A. (1998). Flashbulb memory assumptions: Using national surveys to explore cognitive phenomena. *British Journal of Psychology*, 89(1), 103-121. doi:10.1111/j.2044-8295.1998.tb02675.x78



## **Anexos**

## **Anexo A – Questionário aplicado aos participantes**

### Informação aos participantes

Vimos pedir a sua colaboração num projeto de investigação que tem como objetivo estudar as memórias e conhecimento que as pessoas têm da vitória de Portugal no campeonato europeu de futebol de 2016.

Apenas podem participar pessoas que:

- Tenham idade igual ou superior a 18 anos.
- Tenham visto o jogo completo da final do campeonato europeu de futebol de 2016.

Este estudo consiste num questionário online em que lhe serão colocadas perguntas sobre o jogo da final, sobre as suas vivências pessoais desse jogo e algumas questões gerais sobre futebol. O questionário demora cerca de 20 minutos a responder. Pode participar numa única sessão ou em duas sessões, com duração idêntica, consoante a sua disponibilidade. Pode desistir a qualquer momento se assim o desejar, sem qualquer penalização.

Os dados serão usados para fins exclusivamente científicos, garantido a confidencialidade e anonimato dos mesmos. Os dados serão analisados em grupo e não de forma individual. A todos os participantes interessados será facultado um resumo com os resultados da investigação no final do estudo.

Obrigada pelo seu interesse. Teremos todo o gosto em responder a quaisquer dúvidas ou questões que tenha.

### Consentimento informado

Para participar no estudo tem de cumprir os critérios de inclusão e preencher obrigatoriamente este consentimento.

- Declaro ter lido e compreendido a informação presente neste documento e, de forma voluntária, aceito participar no “Estudo sobre as memórias da vitória de Portugal no Euro 2016”, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Sei que posso desistir a qualquer momento sem qualquer penalização.
- Confirmo ter idade igual ou superior a 18 anos.
- Confirmo ter visto o jogo completo da final do campeonato europeu de futebol de 2016.
- Permito a utilização dos meus dados para fins exclusivamente científicos, garantindo a confidencialidade e anonimato dos mesmos.

Obrigada por aceitar participar neste estudo.

Por favor responda da forma mais exata e detalhada possível, baseando-se apenas naquilo que se lembra e sabe. Não consulte qualquer fonte de informação adicional (ex.: internet ou outras pessoas), uma vez que estamos interessados em perceber características gerais das memórias, sendo normal não se lembrar de algumas coisas.

Caso não saiba ou não consiga lembrar-se da resposta, responda "Não sei" e passe para a pergunta seguinte.

### **I.**

Responda às seguintes perguntas sobre si.

1. Que idade tem?

2. Qual o seu sexo?
  - a. Feminino
  - b. Masculino
  - c. Outro
3. Qual é a sua nacionalidade?
4. Em que cidade vive?
5. Em que cidade estava quando assistiu à final do Euro 2016?
6. Apoia algum clube de futebol?
  - a. Sim
  - b. Não
  - 6.1.[Se sim no item 6], indique qual:
7. Relativamente aos jogos da fase final do Euro 2016, escolha a opção que mais se adequa a si:
  - a. Vi todos os jogos da fase final do Euro 2016.
  - b. Vi todos os jogos da seleção portuguesa, mas não vi todos os jogos das restantes equipas.
  - c. Vi alguns jogos da seleção portuguesa.
  - d. Apenas vi o jogo da final.

## **II.**

Pense nas suas vivências pessoais do jogo da final do Euro 2016. Responda da forma mais exata e completa possível. Caso não saiba ou não consiga lembrar-se da resposta, escreva "Não sei".

Não consulte qualquer fonte de informação (ex.: internet ou outras pessoas), uma vez que estamos interessados em perceber características gerais das memórias, sendo normal não se lembrar de algumas coisas.

Para cada resposta dada, indique quão confiante se sente acerca da sua resposta, escolhendo uma resposta entre 1 - nada confiante, no caso não ter certeza nenhuma da resposta que deu - e 7 - muito confiante, caso tenha a certeza absoluta da resposta que deu. Caso tenha respondido "Não sei", não precisa de indicar o nível de confiança.

8. Onde assistiu ao jogo?

8.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

9. Com quem estava?

9.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

10. Quantas pessoas estavam consigo?

10.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

11. Como é que se sentiu ao saber que a seleção portuguesa venceu o Euro 2016?

11.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

12. Como é que os outros à sua volta reagiram à vitória?

12.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

13. O que fez depois do jogo ter terminado?

13.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

14. O que fez imediatamente antes do início do jogo?

14.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

15. Comeu durante o jogo? Se sim, indique o que comeu.

15.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

16. Bebeu durante o jogo? Se sim, indique o que bebeu.

16.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

17. O que tinha vestido durante o jogo?

17.1. Quão confiante se sente da sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

18. Indique o quão vívida é a sua recordação do momento em que soube da vitória da seleção portuguesa, focando-se no quão bem consegue ver, ouvir ou sentir esse momento ao pensar nele.

1 – Nada vívida      2      3      4      5      6      7 – Extremamente vívida

19. Daqui a 10 anos, quão bem acha que se vai lembrar do momento em que soube da vitória da seleção portuguesa?

1 – Nada bem    2    3    4    5    6    7 – Extremamente bem

20. Quão intensa foi a sua emoção ao saber da vitória da seleção?

1 – Nada intensa      2      3      4      5      6      7 – Extremamente intensa

21. Quão intensamente sentiu cada uma das seguintes emoções ao saber da vitória da seleção portuguesa no campeonato europeu?

a. Tristeza

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

b. Raiva

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

c. Orgulho

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

d. Alívio

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

e. Medo

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

f. Satisfação

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

g. Alegria

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

h. Arrependimento

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

i. Realização

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

j. Nojo

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

22. Quando pensa na vitória da seleção, o quanto é que:

a. Sente o seu coração bater mais rápido

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

b. Se sente tenso

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

c. Sente borboletas no estômago

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

d. Sente as mãos a suar

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

e. Se sente arrepiado

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

23. Quão surpreendido se sentiu ao saber da vitória de Portugal?

1 – Nada surpreendido      2      3      4      5      6      7      –      Extremamente  
surpreendido



24. Quão expectável foi para si o resultado final?

1 – Nada expectável    2        3        4        5        6        7 – Extremamente expectável

25. Nas vinte e quatro horas que se seguiram ao jogo da final, com que frequência seguiu notícias acerca da vitória da seleção portuguesa nos diferentes meios de comunicação (ex.: na televisão, redes sociais, jornal rádio, etc.)?

1 – Nada frequentemente    2        3        4        5        6        7 – Muito frequentemente

26. Nas vinte e quatro horas que se seguiram ao jogo da final, com que frequência pensou ou conversou com outras pessoas acerca da vitória da seleção portuguesa?

1 – Nada frequentemente    2        3        4        5        6        7 – Muito frequentemente

27. Nos últimos 6 meses, com que frequência seguiu notícias acerca da vitória da seleção portuguesa nos diferentes meios de comunicação (ex.: na televisão, redes sociais, jornal rádio, etc.)?

1 – Nada frequentemente    2        3        4        5        6        7 – Muito frequentemente

28. Nos últimos 6 meses, com que frequência pensou ou conversou com outras pessoas acerca da vitória da seleção portuguesa?

1 – Nada frequentemente    2        3        4        5        6        7 – Muito frequentemente

29. Quão importante considera ser a vitória de Portugal no campeonato europeu?

a. Para si

1 – Nada importante    2        3        4        5        6        7 – Extremamente importante

b. Para a sua família

1 – Nada importante    2        3        4        5        6        7 – Extremamente importante

c. Para Portugal

1 – Nada importante    2        3        4        5        6        7 – Extremamente importante

d. Para a comunidade internacional

1 – Nada importante    2        3        4        5        6        7 – Extremamente importante

30. De modo geral, quanto é que torce pela seleção portuguesa?

1 – Nada            2    3        4        5        5        6        7 – Muito

31. Caso seja adepto de um clube, quanto é que torce pela sua equipa?

1 – Nada            2    3        4        5        6        7 – Muito

32. Com que frequência assiste a jogos de futebol? (ex.: no estádio, televisão, rádio etc.)

1 – Nada regularmente        2        3        4        5        6        7 – Muito regularmente

### **III.**

Pense agora no que aconteceu durante o jogo da final do Campeonato Europeu 2016. Responda da forma mais exata e completa possível. Caso não saiba ou não consiga lembrar-se da resposta, escreva "Não sei"/"Não me lembro".

Não consulte qualquer fonte de informação (ex.: internet ou outras pessoas), uma vez que estamos interessados em perceber características gerais das memórias, sendo normal não se lembrar de algumas coisas.

Para cada resposta dada, indique quão confiante se sente acerca da sua resposta. Caso tenha respondido "Não sei", não precisa de indicar o nível de confiança.

33. Quantos golos houve no jogo da final do Euro 2016?

33.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

34. No final do tempo regulamentar, qual era o resultado?

34.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

35. Em que cidade se realizou o jogo?

35.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

36. Qual a nacionalidade do árbitro?

36.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

37. Qual a cor do equipamento que a seleção francesa usou?

37.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

38. Qual o símbolo que Ricardo Quaresma tinha no seu penteado?

38.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

39. De que cor(es) eram as luvas de Rui Patrício?

39.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

40. Quando o Éder entrou no jogo, que jogador substituiu?

40.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

41. Que insetos esvoaçavam no campo?

41.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

42. Quantos cartões amarelos foram mostrados aos jogadores da seleção portuguesa até ao final do jogo?

42.1. Quão confiante se sente sobre a sua resposta?

1 – Nada confiante    2       3       4       5       6       7 – Extremamente confiante

#### **IV.**

Pense agora no episódio da lesão do jogador Cristiano Ronaldo durante o jogo da final do Campeonato Europeu 2016. Responda da forma mais exata e completa possível. Caso não saiba ou não consiga lembrar-se da resposta, escreva “Não sei”.

Não consulte qualquer fonte de informação (ex.: internet ou outras pessoas).

43. Que jogador disputou o lance que levou à lesão de Cristiano Ronaldo?

44. Em que minuto do jogo aconteceu o lance que originou a lesão?

45. Em que minuto do jogo Cristiano Ronaldo foi substituído?

46. Que jogador da seleção nacional entrou para substituir o Cristiano Ronaldo?

47. Em que parte do corpo Cristiano Ronaldo ficou lesionado?

48. Quão intensa foi a sua emoção no momento em que soube da lesão de Cristiano Ronaldo?

1 – Nada intensa      2      3      4      5      6      7 – Extremamente intensa

49. Quão intensamente sentiu cada uma das seguintes emoções aquando da lesão do Cristiano Ronaldo?

a. Tristeza

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

b. Raiva

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

c. Orgulho

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

d. Alívio

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

e. Medo

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

f. Satisfação

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

g. Alegria

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

h. Arrependimento

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

i. Realização

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

j. Nojo

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

V.

Pense agora no momento do golo marcado pelo Éder. Responda da forma mais exata e completa possível. Caso não saiba ou não consiga lembrar-se da resposta, escreva “Não sei”.

Não consulte qualquer fonte de informação (ex.: internet ou outras pessoas).

50. Que jogador fez o passe para Éder?

51. Que jogador da seleção francesa disputou a bola com o Éder quando este recebeu o passe?

52. Em que minuto foi marcado o golo?

53. Do ponto de vista do guarda-redes, a bola entrou em que zona da baliza?

54. De que modo Éder festejou o golo marcado?

55. Quão intensa foi a sua emoção no momento em que assistiu o golo de Éder?

1 – Nada intensa      2      3      4      5      6      7 – Extremamente  
intensa

56. Quão intensamente sentiu cada uma das seguintes emoções aquando do golo do Éder?

a. Tristeza

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

b. Raiva

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

c. Orgulho

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

d. Alívio

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

e. Medo

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

f. Satisfação

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

g. Alegria

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

h. Arrependimento

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

i. Realização

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

j. Nojo

1 – Nada intensamente      2      3      4      5      6      7 – Muito intensamente

## VI.

Responda agora a perguntas gerais sobre futebol. Responda da forma mais exata e completa possível. Caso não saiba ou não consiga lembrar-se da resposta, escreva "Não sei".

Não consulte qualquer fonte de informação (ex.: internet ou outras pessoas), uma vez que estamos interessados no seu conhecimento sobre futebol, sendo natural não se lembrar ou não conhecer algumas coisas.

57. Com que frequência se realiza o campeonato europeu de futebol?
58. Quantos jogadores podem ser convocados para o campeonato europeu?
59. Que seleção/seleções ganhou/ganharam maior número de campeonatos europeus?
60. Em que ano o campeonato europeu se realizou em Portugal?
61. Que seleção ganhou o campeonato europeu em 2012?
62. Quantas substituições podem ser realizadas dentro do tempo regulamentar?
63. Quantas equipas jogam na 1ª liga na atual época desportiva em Portugal?
64. Qual o máximo de segundos que o guarda-redes pode ter a bola nas mãos?
65. Quantas vezes José Mourinho ganhou a liga dos campeões?
66. Que jogador(es) português(es) já ganharam a bola de ouro?

Para concluir o questionário responda às seguintes questões.

Pretende receber informações sobre os resultados deste estudo? Nota: apenas serão divulgados resultados de grupo e não resultados individuais.

- Sim



- Não

Aceita ser contactado novamente no contexto desta investigação? Será contactado no máximo mais uma vez.

- Sim
- Não

Se respondeu "Sim" a alguma destas perguntas, indique o seu nome e email para o podermos contactar. Esta informação apenas será usada com estas finalidades (comunicação de resultados e/ou novo contacto).

Obrigada pela sua participação. As suas respostas foram registadas.